



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ – UNIFESSPA

INSTITUTO DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES

FACULDADE DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ

MONIQUE BRENDA DE SOUZA

**A LITERATURA INFANTIL COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZADO NA
EDUCAÇÃO ESPECIAL**

MARABÁ – PA

2015

A LITERATURA INFANTIL COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZADO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

MONIQUE BRENDA DE SOUZA

Monografia apresentada ao curso de Letras da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientador (a): Prof. Dra. Hildete Pereira dos Anjos

MONIQUE BRENDA DE SOUZA

**A LITERATURA INFANTIL COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZADO NA
EDUCAÇÃO ESPECIAL**

A banca examinadora abaixo aprova a monografia apresentada ao curso de Letras da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras como parte da exigência para a obtenção da graduação no referido curso.

BANCA:

Prof. Dr. Gilson Penalva

Prof. Dr. Hildete Pereira dos Anjos

Ms. Ingrid Fernandes Gomes Pereira Brandão

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ – UNIFESSPA
INSTITUTO DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES
FACULDADE DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ

Dedico esta, bem como todas as minhas demais conquistas, à minha amada mãezinha e meus queridos tios Domiciana Alves Tida e Antônio Kátio Tida que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse

até aqui. Vocês foram peças fundamentais para concretização desse sonho.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter dado a mim saúde e força para superar os obstáculos encontrados durante essa caminhada.

A minha mãe, Antônia Marina de Sousa Silva, por ser o meu porto seguro. Heroína que me deu apoio e incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço.

Aos meus tios Domiciana Alves Tida e Antônio Kátio Tida, por sempre acreditarem em mim.

Ao meu querido esposo Wandson de Sousa Silva, por sua compreensão e dedicação no decorrer da minha graduação. Obrigada pelo carinho, paciência e por sua capacidade de me trazer paz na correria de cada semestre.

Aos meus irmãos Mayke Wendell, Jhenifer Larissa, Mônica Bianca, Maicon Renato e Mayara Clemência. Que isso sirva de estímulo para vocês buscarem o sucesso na carreira profissional que escolherem seguir.

Aos meus sobrinhos, Marcus Alexandre e Nycolas que embora não tivessem conhecimento disto, iluminaram de maneira especial os meus pensamentos me levando a buscar mais conhecimentos.

À minha orientadora Prof. Dra. Hildete Pereira dos Anjos, minha eterna gratidão, por toda disposição, dedicação e incentivo para concretização desse trabalho.

À diretora e à vice-diretora, Sheila Luiza Lopes Ferreira e Ana Régia Marinho Silva, e a professora Núbia Fialho dos Santos, da escola municipal Jonathas Pontes Athias por todo apoio prestado durante o período de estágio.

E a todos que direta ou indiretamente incentivaram a minha formação, o meu sincero muito obrigada.

“Possivelmente não está longe o dia em que a pedagogia se envergonhará do próprio conceito ‘criança com deficiência’ para designar alguma deficiência de natureza insuperável. O surdo falante, o cego trabalhador – participantes da vida comum em toda sua plenitude – não sentirão mais a sua insuficiência nem darão motivos para isso aos outros. Está em nossas mãos fazer com que as crianças surdas, cegas e

com retardo mental não sejam deficientes. Então, desaparecerá o próprio conceito de deficiente, o sinal justo da nossa própria deficiência”. (VIGOTSKI, 2006, p. 54).

RESUMO

O presente trabalho apresenta resultados de uma pesquisa que foi desenvolvida com alunos do 4º ano “A” da escola municipal Jonathas Pontes Athias, da qual participam dois alunos com necessidades especiais, Alice e Bernardo (nomes fictícios). Teve como objetivo verificar de que maneira a literatura infantil pode colaborar com o aprendizado/desenvolvimento cognitivo, social e emocional da criança com necessidades educacionais especiais. Como metodologia, foram propostas atividades de literatura infantil, desenvolvidas em três dias da semana, no período de três meses. A cada semana, foi trabalhado uma narrativa e com elas foi possível desenvolver diversas atividades que contribuíram para mobilizar emocionalmente e socialmente os alunos fazendo-os interagir em torno das temáticas, tomando maior consciência das experiências em comum. Os resultados alcançados foram satisfatórios, pois conseguimos introduzir a literatura infantil na rotina da classe, despertando nos alunos o interesse pela leitura, além de por meio das metodologias conseguimos abrir espaço para que o processo de inclusão acontecesse de fato.

Palavras-chave: Educação especial, literatura infantil, aprendizado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
1.1. FANTASIA E EMOÇÃO ATRAVÉS DA LITERATURA: BASES PARA O APRENDIZADO EMOCIONAL	14
1.2. AS RELAÇÕES ENTRE APRENDIZADO, EMOÇÃO E DEFICIÊNCIA SEGUNDO VIGOTSKI ..	17
1.3. PRINCIPAIS CONCEITOS SOBRE EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSÃO.....	20
2. SUJEITOS E METODOLOGIA	28
2.1. CARACTERIZAÇÃO DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN	29
2.2. CARACTERIZAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	29
2.3. METODOLOGIA UTILIZADA.....	30
3. A ATIVIDADE COM CONTOS DE FADA EM SALA DE AULA.....	32
4. ANÁLISE DAS ATIVIDADES REALIZADAS EM CLASSE.....	45
CONCLUSÕES.....	50
REFERÊNCIAS.....	50

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa surgiu das dificuldades que, em atividade de estágio docente, foram observadas na maioria dos professores ao precisar lidar com algum aluno em situação de deficiência, cuja matrícula passou a ser garantida nas classes comuns a partir da Resolução 01/2001 (BRASIL, 2010). Essas dificuldades, em nossa opinião, tem sua origem numa compreensão de que é extremamente complexo adequar a metodologia adotada às necessidades de cada aluno. Como há uma crença de que a turma, com exceção dos alunos em situação de deficiência, é homogênea, as atividades são iguais para todos, dificultando assim a interação desses alunos com a turma, com a professora e com os próprios conteúdos.

Usar a expressão “em situação de deficiência” ao invés de “com deficiência” (como aparece nas leis mais recentes) ou “com necessidades especiais”, implica em assumir que a deficiência é uma produção da cultura. Desse modo, falar de deficiência deixa de ser referir-se exclusivamente às condições e necessidades daqueles com algum tipo de lesão (DINIZ, 2007), e passa a abranger os modos de organização do mundo (no nível micro, das salas de aula) que originam e reforçam processos excludentes.

Tendo consciência da carência de meios, por parte, dos educadores, para desenvolver atividades que venham despertar prazer e conseqüentemente, interesses nos alunos, fazendo com que isso traga bons resultados no processo de aprendizagem, propomos que um dos meios adotados pelos docentes seja a inclusão da literatura infantil no dia-a-dia escolar da classe, buscando assim, o entrosamento entre todos os alunos e propiciando às crianças em situação de deficiência o prazer existente na leitura e na escrita baseados na literatura infantil.

Para a construção desse trabalho, propusemos numa escola pública municipal a inserção, durante o primeiro semestre letivo, de atividades baseadas na leitura e exploração da literatura infantil. As aulas aconteciam de segunda a quarta-feira. Nas quintas e nas sextas-feiras a professora da turma e a estagiária organizavam o plano de aula da semana seguinte. Cabe aqui enfatizar que a escolha por fazer um planejamento semanal surgiu da facilidade de adequação das histórias trabalhadas com as metodologias que poderiam ser adotadas, levando em conta fatores como a disponibilidade da sala de vídeo, a disponibilidade da biblioteca e os materiais mais acessíveis.

Em relação à importância do planejamento, Coaracy (1972) enfatiza que o planejamento é um método gradual que se constata com o resultado final e quais os meios mais eficazes para que se possa alcançar os resultados almejados, sempre traçando um paralelo com o momento presente e as possibilidades futuras, a fim de que o processo de desenvolvimento da educação seja mais eficaz, atendendo tanto as necessidades de crescimento da sociedade, quanto as do indivíduo.

Libâneo (2001) contribui, nos dizendo que o planejamento é a atividade de previsão da ação, com o intuito de demarcar as necessidades a serem concretizadas, objetivos a serem alcançados de acordo com as possibilidades, metodologia a ser adotada, tempo para execução e meios de avaliação.

A respeito disso, Libâneo (2005), diz ainda que o planejamento é o ponto de partida, na qual serão expostas as propostas que serão colocadas em prática, em prol da tomada de decisão em relação aos alvos que se pretende alcançar. Ele procede de um plano ou projeto para a instituição.

As primeiras narrativas foram escolhidas pela pesquisadora, desse modo, optamos por selecionar as mais populares a fim de que os alunos não ficassem com receio de participar, porém, chegamos à conclusão de que seria mais interessante que eles mesmos escolhessem a narrativa que seria trabalhada na semana seguinte. Desse modo, nós listávamos no quadro algumas histórias e a escolhida seria a mais votada.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma:

No primeiro capítulo, são apresentados os autores que nos forneceram suporte teórico: Martha (2011) ressalta a qualidade do material introduzido na sala de aula com o intuito de despertar nos alunos o interesse pela leitura. Abramovich (1995, 2009) e Cristóvão (2010), farão suas contribuições envolvendo a literatura infantil. Dainez e Smolka (2014) discutirão as relações entre aprendizado, emoção e deficiência segundo Vigotski, enfatizando assim o conceito de compensação e afeto desenvolvidos por ele. Para fechar o capítulo, abordamos alguns conceitos basilares, educação especial, deficiência, inclusão e integração, mostrando como estes processos foram sendo tratados com o passar dos anos segundo Mendes (2010) e Diniz, a fim de possibilitar melhor compreensão do tema em questão.

O segundo capítulo destina-se a caracterização dos sujeitos envolvidos e a metodologia adotada para desenvolvimento da pesquisa.

No terceiro capítulo, encontra-se a descrição das aulas desenvolvidas com os alunos no decorrer do estágio, incluindo as anotações feitas no caderno de registros e os dados presentes no plano de aula.

No quarto capítulo fizemos uma explanação das atividades trabalhadas em classe fazendo relação entre o que Abramovich e Vigotski dizem acerca das emoções e dos efeitos disso sobre o processo inclusivo.

E no quinto e último capítulo trouxemos as conclusões finais ressaltando os resultados esperados e obtidos nessa pesquisa.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

Antes de tratar da base teórica específica para este trabalho, gostaríamos de ressaltar a importância da leitura nas fases iniciais da vida escolar das crianças. Em Martha (2011), encontramos uma reflexão sobre aspectos que podem influenciar na opção do educador no que diz respeito às escolhas de obras para a leitura no âmbito escolar, tendo em vista a diversidade oferecida pelo mercado editorial brasileiro o docente, na qualidade de mediador privilegiado, deve pensar na qualidade das obras que são ofertadas.

Martha afirma que, mesmo existindo programas e instituições que promovem a escolha e propagação de obras significativas, “cabe ao coordenador e ao professor a decisão da indicação e, a este último, a responsabilidade por conduzir a leitura, de modo que a atividade se torne um hábito prazeroso, inclusive para além dos muros da escola” (p. 47). A autora chama ainda a atenção para a seguinte questão: mesmo o professor obtendo ajuda para a seleção dos livros mostrados aos alunos por meio da consulta de listas do Programa Nacional de Bibliotecas Escolares (PNBE), por exemplo, isso não exime o docente de indagações quanto à maneira de propor a leitura de obras de qualidade, para criar nas crianças o “gosto pela leitura”.

Desse modo, trabalharemos a seguir com os pressupostos de Abramovich (1995), que ressalta a importância do hábito de ler e ouvir histórias, pois esse hábito desperta na criança o prazer de vivenciar as emoções descritas na história. Ao se referir aos contos de fadas, Abramovich (2009) enfatiza que estes lidam com diversos aspectos relevantes da condição humana tornando-os de suma importância.

Citaremos também Cristóvão (2010), que vê a literatura como um poderoso aliado no processo inclusivo tendo em vista que a mesma proporciona à criança possibilidade de refletir-se aos personagens conseguindo assim, encontrar semelhanças sociais, emocionais e até mesmo semelhanças físicas convidando-os a refletir a respeito.

Em seguida, traçaremos as considerações de Dainez e Smolka (2014), discutindo a relação existente entre aprendizado, emoção e deficiência segundo

Vigotski. Para isso, as autoras tomarão como foco o conceito de *compensação*, desenvolvido por Vigotski e também a definição de *afeto*.

1.1. FANTASIA E EMOÇÃO ATRAVÉS DA LITERATURA: BASES PARA O APRENDIZADO EMOCIONAL

O embasamento teórico para a pesquisa construiu-se, principalmente, a partir dos pressupostos de Abramovich (1995), pois acreditamos que a leitura deve ser tida como hábito a partir dos primeiros anos de vida de uma criança, desempenhando papel fundamental para a noção da realidade, noção essa, que vai sendo desenvolvida através da imaginação, da fantasia e da emoção. O ato de ler e ouvir histórias, segundo a autora proporciona “sentir as emoções vividas naquela história, como a emoção, a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade e tantas outras (ABRAMOVICH, 2009, p. 17)”.

Desse modo, concorda com Cristóvão (2010), a qual nos diz que a literatura infantil torna-se um poderoso instrumento para os processos inclusivos, proporcionando aos leitores uma identificação com as questões sociais e emocionais das personagens, assim como com as características físicas, fazendo emergir sentimentos e reflexões que não aconteceriam de outro modo.

O papel mediato da literatura será então, não só testemunhar uma realidade, mas também traduzi-la e recriá-la na esperança de que mude para melhor. Assim, a Literatura afigura-se um caminho privilegiado para o auto-conhecimento ao tratar de problemas da vida, tornando-se um elo entre Literatura e Educação Inclusiva, ao trazer à tona os conflitos humanos de forma singular e expressiva, funcionando como portas que se abrem para determinadas verdades humanas (COELHO, 1999, p. 35). Esta individualidade confere à Literatura Infantil e juvenil, fundamentos que apontam para possibilidade de pensar a diferença, sob muitos aspectos (2010, p.117).

Abramovich (2009) também nos diz que “por lidar com conteúdos essenciais da condição humana, é que os contos de fadas são importantes, perpetuando-se até hoje” (p. 88). Segundo a autora:

Os contos de fadas estão envolvidos no maravilhoso, um universo que detona a fantasia, partindo sempre duma situação real, concreta, lidando com emoções que qualquer criança já viveu... Porque se passam num lugar que (...) qualquer um pode caminhar... Porque as personagens são simples e colocadas em inúmeras situações diferentes, onde tem que buscar e encontrar uma resposta de importância fundamental, chamando a criança a

percorrer e a achar junto uma resposta sua para o conflito... Todo esse processo é vivido através da fantasia, do imaginário, com intervenção de entidades fantásticas (bruxas, fadas, duendes, animais falantes, plantas sábias...) (ABRAMOVICH, 2009, p. 88).

Fanny Abramovich nos diz ainda que os contos de fadas falam dos medos secretos, como em um dos contos dos irmãos Grimm, “O homem que saiu em busca do medo”. Esse conto fala de um rapaz que tem vontade de aprender a se arrepiar, assim, busca enfrentar monstros, mortos e fantasmas, porém, continua não sentindo o tão ambicionado calafrio. Depois de muito tentar, descobre que os arrepios surgem somente quando lhe fazem cócegas, “mostrando que o que pode provocar o medo é diferente para cada um, conforme o que percebe, o que enfrenta, o que o assusta de verdade ou não” (p. 91).

Medos esses que diferem do medo sentido pela mãe de Chapeuzinho Vermelho, que pede para a filha que não atravesse certa parte da floresta ou ande por caminhos que possa lhe levar até o lobo, pois o encontro com essa figura tão temida “pode levá-la a outras experiências, à descoberta dos desejos sexuais, que a mãe teme que a filha viva” (p. 91).

Os contos de fadas falam de amor eterno, como na história “O soldadinho de chumbo”, onde Andersen nos conta a história de um soldadinho de brinquedo, apaixonado por uma linda bailarina. Os dois moram em um cômodo da casa, junto com outros brinquedos. Depois de viver diversas aventuras nas mãos dos garotos, um deles, num único gesto, o atira na lareira, onde o pobre soldadinho se derrete olhando a bailarina que também é jogada dentro da fogueira. Desse modo, Abramovich nos revela que a morte do amado pode levar a amada ao suicídio, e por meio do encantamento mútuo, fica um símbolo forte e indestrutível que é a marca do sentimento.

A história “A Pequena Sereia”, também contada por Andersen, se passa em lugares mágicos do fundo do mar, em alguns castelos na terra, ilhas, e em meio a esses ambientes, Ariel vive, cresce, e assim, descobre o sofrimento, as dores, o peso das escolhas e a morte que um grande amor pode causar. Amor esse, que a leva a cortar sua belíssima cauda, transformando-a em martirizados pés humanos, e tudo isso por amor, e por esse amor, consegue estar ao lado do seu amado, mesmo que para isso precise perder a imortalidade que as sereias possuem, tornando a morte próxima.

Os contos de fadas narram também a dificuldade e dureza de ser criança; isso fica notório no conto “Peter Pan”, onde nos deparamos com um corajoso garoto, que luta com sua espada, que sabe voar, também sabe tomar conta de si mesmo e de todos os outros meninos perdidos da Terra do Nunca. Segundo a história, Peter Pan fugiu de casa no dia em que nasceu, pois ouviu seus pais comentarem como seria quando crescesse. Ele não queria crescer, queria continuar sendo criança, para sempre. O garoto que não queria crescer tem consciência que para isso ele precisa acreditar na existência das fadas e não deixar que elas morram. “É a fé, a crença, dum período da vida”. (p. 95).

Os contos de fadas sublinham as carências, como na história escrita pelos irmãos Grimm, “João e Maria”, onde dois irmãos sofrem por falta de comida, pois a família é muito pobre, e como a mãe havia falecido, eles também sentem muita carência afetiva. Contudo, a madrasta pretende abandoná-los na floresta, onde eles deverão enfrentar sozinhos um mundo totalmente desconhecido. E quando chegam à casa de doces da bruxa, “é que encontram a solução para seus conflitos, suas dúvidas, pensando e agindo em conjunto (a experiência vivida e dividida faz surgirem outras soluções e novos encaminhamentos)” (p. 97).

Na triste história “A menina dos fósforos”, de Andersen, o autor narra a emocionante história de uma garotinha, numa noite de Ano Novo europeu, tremendo de frio e fome, vendo as luzes nas árvores de Natal, a comida... De todo esse “encantamento” vivido na noite de Natal, à menina, resta apenas uma caixinha de fósforos para vender.

E querendo ver melhor todo aquele mundo, querendo se aquecer mais vai acendendo um a um seus fósforos, e cada pequena chama a faz imaginar coisas bonitas, boas, iluminadas, maravilhosas, até que recebe o abraço de uma avó – já morta – que a leva para junto de Deus, onde não há fome, frio, nem medo (p. 98).

Os contos de fadas enfatizam as autodescobertas, como na história “O patinho feio”, onde Andersen fala de um patinho que foi rejeitado e maltrato pelos irmãos e pela própria mãe desde o nascimento, pois era feio. Enfim, Abramovich (2009, p. 101) nos diz que esses contos de fadas nos falam de traições, de temores, de juramentos, sentimentos de perda, de infidelidades, carências, abandonos, esquecimentos... De que às vezes os irmãos, familiares próximos, são perversos, e que a ajuda vem de estranhos (fadas, duendes, velhos). Por outro lado, os contos de fadas, também falam da fantasia, do poder sonhar, do desejar.

Explorar esses conteúdos importantes da vida, através dos sentimentos de medo, apego, dificuldades, sofrimentos, carências, injustiça, autodescoberta, nas histórias infantis, sejam contos de fadas ou não, podem fazer emergir relações mais humanizantes, fundamentais no ensino de crianças dentro do processo inclusivo, tenham elas ou não necessidades especiais.

1.2. AS RELAÇÕES ENTRE APRENDIZADO, EMOÇÃO E DEFICIÊNCIA SEGUNDO VIGOTSKI

As discussões a respeito dos estudos de Lev Semenovitch Vigotski tem grande influência na educação e desenvolvimento de crianças. Trabalharemos aqui o conceito de *compensação*, concepção desenvolvida por Vigotski ao referir-se ao desenvolvimento nas situações orgânicas adversas.

Em sua época (final do séc. XIX início do séc. XX), para referir-se ao estudo de pessoas com deficiência, Vigotski adotou a nomenclatura *defectologia*. Nesse sentido, vale ressaltar que

Vigotski ao elaborar o conceito de compensação em sua teoria, dialogava com autores e discutia questões relacionadas a outro contexto histórico. São épocas diferentes, com condições de produção específicas que se transformam em um tempo-espaço de relações culturais. Logo, as conjecturas elaboradas por Vigotski em sua obra foram sendo desdobradas, redimensionadas a partir de questões que nos cercam. Valores e conceitos estão em constante elaboração, modificam-se, evoluem, ganham novos contornos e diferentes significados ao longo das relações históricas, uma vez que as condições sociais concretas e os modos de pensar mudam. Nesse sentido, seguimos considerando o autor na sua época, compreendendo o termo *compensação* por ele usado – que se inscreve em um modo de pensar em um determinado tempo histórico. (Dainez e Smolka 2014, p.1096).

Naquela época, estavam em evidência duas vertentes que abordavam o conceito de compensação e ganharam espaço nas elaborações de Vigotski. A primeira, interpretação mística do conceito de compensação, era fundamentada tese do dom, essa conferia à pessoa em situação de deficiência uma espécie de forças, de origem divina, em que um conhecimento, uma sensibilidade especial compensaria determinada ausência (visão, audição, inteligência...). A segunda era de caráter biológico que acreditava que a ausência de uma função perceptiva seria

neutralizada conseqüentemente com o funcionamento de outros sentidos. Porém, acreditava-se que essas abordagens viam a compensação como uma reparação da deficiência, contradizendo assim, a convicção de que a educação tem o papel de criar “novas formas de desenvolvimento”. (Dainez e Smolka 2014, p. 1097)

Vigotski (1997) ao tentar reformular o conceito de defectologia descobriu em Adler rudimentos que atingiram o seu ponto de vista propiciando assim possíveis investigações no que diz respeito às definições de compensação, desse modo, seria possível entendê-lo melhor ao passo que também progrediria com o conceito de defectologia.

Desse modo, o autor passou a trabalhar com as definições de Adler que nos diz que “compensação é luta”. Assim, a noção de luta tomou outra dimensão.

Enquanto, para Adler (1967), a *compensação* é uma luta impulsionada subjetivamente pelo sentimento de inferioridade, para Vigotski (1997), a *compensação* condiz com a produção de uma luta social que está relacionada com o modo como o meio social se organiza para receber a criança com deficiência e a forma de orientação das práticas educacionais. Ressalta-se que os modos de enfrentamento social da deficiência são diversos, o que pode conduzir o desenvolvimento da criança para um caminho profícuo ou não. (Dainez e Smolka 2014, p. 1102)

Nesse contexto, Vigotski (1997) desviou de modo sistemático o foco atribuído “por Adler no individual para a formação social da mente”. Como já mencionado

Embora Adler (1967, 2003) alegue a importância do social, o modo como o concebe implica considerar que a força ainda está localizada no indivíduo, pois o social é externo, cumprindo a função de auxiliar as condutas do indivíduo. A *compensação* é apontada por ele como um mecanismo acionado pelas forças subjetivas do próprio indivíduo. Essa ideia é descartada por Vigotski (1997, 2006) ao argumentar que a força está na “condicionalidade social do desenvolvimento” (Dainez e Smolka 2014, p. 1102)

Por meio de suas reflexões o autor levanta duas questões que certificam qualificar os *processos compensatórios*

A primeira é a tese “da diversidade das operações diante das quais podem realizar-se as funções” (VIGOTSKI, 1997, p.138, tradução nossa), que consiste no caráter dinâmico e sistêmico permitindo a modificação da correlação entre funções no processo de desenvolvimento; e a segunda é a tese da “coletividade como fator de desenvolvimento das funções

psicológicas superiores da criança normal e anormal” (Dainez e Smolka 2014, p. 1104)

Cabe aqui ressaltar que a segunda tese converteu-se no título de uma obra acerca da defectologia. Nessa obra, Vigotski quase não faz alusão à teoria que cerca o tema. O autor aborda tal conceito

Relacionando-o com as complicações secundárias (de origem social) que podem surgir no processo de desenvolvimento da pessoa. Evidencia que, por serem produzidas na materialidade da vida coletiva da criança, as funções psicológicas superiores são o lugar onde a ação humana tem o poder de agir. Nesse caso, as relações sociais são o que torna possíveis as formas de (re)criação das relações entre as funções psicológicas (Dainez e Smolka 2014, p. 1104)

Em meio a tudo isso, o autor descobre algo novo: “o *afeto*”. Segundo Vigotski, esse subsídio consegue estimular a busca por recursos diversos que podem contribuir com o desenvolvimento. Junto a isso, porém, de forma bem sucinta, o autor ressalta a relevância da criatividade para o progresso da criança em situação de deficiência. (Dainez e Smolka 2014, p. 1104).

A noção de afeto é trabalhada de maneira mais detalhada em outro momento, onde Vigotski pontua que a natureza dos problemas do “retardo mental” era discutida “por uma tendência intelectualista que não considerava a esfera afetiva e colocava em primeiro plano a insuficiência intelectual, a debilidade mental”. (Idem)

Ao entrarmos em contato com Abramovich que nos mostra os encantos que a literatura infantil pode nos proporcionar, percebemos o quão eficiente ela pode ser para o processo inclusivo. Da mesma forma, Vigotski nos coloca diante de um fator que quando explorado de maneira adequada pode ser considerado um forte aliado: o afeto.

Na sala de aula, o uso regular da literatura infantil proporcionou um ambiente de respeito e inclusão, onde foi possível estabelecer laços afetivos, demonstrados por comportamentos cooperativos e solidários. No que diz respeito ao processo inclusivo, é relevante frisar que a literatura infantil em companhia das atividades adotadas, possibilitou aos alunos expor seus sentimentos, a qual dificilmente seria possível no padrão educacional a que estamos habituados, bem como a necessidade de olhar para o outro de maneira mais desprevenida de preconceitos.

Se tratando da literatura infantil, podemos afirmar que de modo específico, os contos de fadas, por olhar com perspicácia para as dificuldades cotidianas, traduz-se

como um meio privilegiado por auxiliar no processo literatura/educação inclusiva, ao passo que levanta a questão dos conflitos humanos de modo singular, operando assim, como “portas que abrem para determinadas verdades humanas” (COELHO, 1991, p.9).

1.3. PRINCIPAIS CONCEITOS SOBRE EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSÃO

Muito tem se ouvido falar em educação especial, deficiência, inclusão e integração. Desse modo, trabalharemos aqui definições para esses termos.

Segundo Mendes (2010), a educação especial no Brasil se deu no fim do século XIX, com a fundação do Instituto dos Meninos Cegos, no ano de 1854, e o Instituto dos Surdos-Mudos, em 1857.

Ao analisar o período colonial, Mendes (2010, p. 94) nos diz que esse período foi marcado pelo descaso do poder público, com a educação, em todas as instâncias, e não somente com a educação de pessoas em situação de deficiência. A autora nos diz também que provavelmente, os pouquíssimos estabelecimentos de ensino criados tinham o objetivo de atender os casos mais perceptíveis, e assim, os menos delicados eram tratados com indiferença em razão da falta de escolarização das pessoas, que em sua maioria pertenciam à zona rural.

A autora segue dizendo que em 1889, foi proclamada a república do Brasil, com isso, algumas pessoas que estudaram na Europa regressaram, almejando renovar o Brasil. A tendência psicopedagógica da educação de indivíduos em situação de deficiência no país também sofreu interferências, neste mesmo período, das renovações nos serviços educacionais sob as perspectivas do movimento escola-novista. Esse movimento evidenciou-se pela criação de estabelecimentos educacionais que pretendiam sobrepujar “o tradicionalismo”, a severidade e o comportamento “intelectualista”, que se adequaram às mudanças sociais. (Mendes 2010, p. 95).

A autora destaca que entre os simpatizantes desse movimento, evidencia-se Francisco Campos, de Minas Gerais, que trouxe professores psicólogos europeus para lecionar para professores. Dentre estes europeus, destaca-se Helena Antipoff, que se firmou no Brasil e exerceu forte influência no quadro na da educação especial brasileira. Seu projeto primitivo foi uma concepção de sistematização da educação primária na rede de ensino baseada na formação de salas de aula homogêneas. De acordo com Mendes (2010, p. 96), Helena Antipoff foi também

intendente pela criação de serviços de diagnósticos, classes e escolas especiais. Em 1932 criou a Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, que se desenvolveu no Brasil em 1945. Também integrou-se ao movimento que resultou fundação da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, em 1954, influenciando também na formação de profissionais que nos anos posteriores dedicaram-se à área.

Mendes (2010, p. 97) vem nos dizer que à medida que se contemplava a propagação da inserção de “escolas especiais comunitárias”, da institucionalização e de classes especiais nas escolas públicas para todos os níveis de deficiência, no início do século XX, no país prevaleceu a falta de preocupação com a definição, a denominação e a implementação de novas atividades. A triagem dos “anormais” na escola se dava por meios muito abstratos e embasados nas limitações pedagógicas e os escolares, eram vistos como sendo aqueles “com atenção fraca, memória preguiçosa e lenta”.

Entre os anos de 1937 a 1945, o Brasil passou pelo regime Estado Novo onde enfrentou um vigoroso poderio estatal em todos os domínios sociais, regressão no procedimento de popularização do ensino e “centralização da educação” em prol de um governo evidente de favoritismo do ensino superior. Assim, os comunicados nacionalistas que tinham a finalidade de incitar a consciência nacional para o desejo de convergir o poder político ocuparam o lugar que era dado ao destaque na educação como uniformização das possibilidades de elevação social. A rede de serviços que em sua maioria era pertencente à rede pública, apresentava uma propensão para a privatização, devido ao descaso governamental no que diz respeito à educação de pessoas com deficiências. (Mendes 2010, p. 98).

Nos anos de 1942 e 1946 aconteceu a reforma pedagógica do ministro Gustavo Capanema, reformulando “o ensino secundário e profissionalizante”, solidificando o método duplo, de instituições educacionais destinados a alta sociedade e instituições para os menos favorecidos e a “política educacional se tornou mais e mais um instrumento de estratificação social”. (Mendes 2010, p. 98).

Nos anos 1945 e 1964, iniciou-se no país a Segunda República, conhecida por República Populista, marcada pela dicotomia dos governantes que mesmo reconhecendo o descontentamento da população, buscava conduzir e influenciar os interesses do povo. (Mendes 2010, p. 98).

Com o término do estado novo, consolidou-se a adesão de um novo regimento de caráter liberalista e progressista, determinando assim a obrigatoriedade da educação básica, afirmando “o preceito de que a educação é direito de todos”. Assim, a dedicação para implantação da educação pública ganhava reforços, sobretudo devido a “elaboração do anteprojeto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que demorou 13 anos para ser transformado em lei (de 1948 a 1961)”. (Mendes 2010, p. 98).

Mendes (2010, p. 99 e 100) nos diz ainda que os historiadores datam nos anos setenta a edificação do ensino especial em razão do crescimento de “textos legislativos, das associações, dos estabelecimentos, do financiamento e do envolvimento das instâncias públicas”. No entanto, a autora ressalta que bem antes desse período era possível observar “certa constituição” no âmbito do auxílio, com o surgimento dos estabelecimentos não-governamentais, certamente amparado pelo poder público da assistência social.

No ano de 1964 aconteceu o golpe militar que estabeleceu a ditadura, evidenciando a centralização de renda, a emigração rural e as dificuldades da população.

Ao final dos anos setenta foram introduzidos “os primeiros cursos de formação de professores” no campo da “educação especial ao nível de terceiro grau e os primeiros programas de pós-graduação na área da educação especial” (Nunes et ai, 1999, Bueno, 2002 *apud* Mendes 2010, p 101).

Desse modo, de acordo com Mendes (2010, p. 101), durante o regime ditatorial a o estabelecimento de ensino da educação especial começava a se consolidar, provavelmente devido ao “milagre econômico”, período no qual aumentou o desenvolvimento econômico no país, acompanhando a propensão da centralização de renda, da privatização e da pobreza.

Após vinte e um anos de ditadura militar, novas intenções surgiram no âmbito da educação especial no Brasil, principalmente na segunda metade dos anos oitenta. (Mendes 2010, p. 101).

A Constituição Federal de 1988 asseverou que o ensino de pessoas em situação de deficiência teria de acontecer, no setor regular de ensino, garantindo assim “o atendimento educacional especializado”.

Enquanto isso, no sistema educacional público, até meados da década de noventa, o principal problema educacional do Brasil era a repetência no

ensino de primeiro grau. Cerca da metade das crianças que ingressavam anualmente eram retidas já na primeira série, apenas 65% das crianças matriculadas atingiam a quinta série e apenas e apenas 3% completavam o ciclo escolar sem repetir um ano. Os alunos demoravam em média 12 anos para completar as oito primeiras séries do primeiro grau, quando permaneciam na escola, uma vez que a média de anos frequentados pela população era de 8,6 anos (*Folha de São Paulo*, 2001 apud Mendes 2010, p. 102).

Era notório que a reprovação era um dos principais fundamentos para a diagnose da deficiência intelectual, e assim, cresceu a demanda de alunos com baixo aproveitamento escolar que eram encaminhados para os serviços de educação especial, devido aos graves problemas que havia no Brasil no que se refere aos processos “de avaliação e diagnóstico”. (Mendes 2010, p. 103).

Segundo Mendes (2010, pag. 103) é possível afirmar que a definição de deficiência, de um lado, estava ligada às questões sociais como a pobreza, e principalmente ligados à ruína na educação, tendo em vista o fato de a freguesia ser constituída por alunos de baixa renda e com histórico de reprovação.

Para os discentes em situação de deficiência eram oferecidas somente duas opções no âmbito educacional no país, “a escola especial filantrópica ou a classe especial nas escolas públicas estaduais”, sendo que a primeira não garantia a educação e a segunda mais favorecia a “exclusão do que a escolarização”. A metodologia institucional se reduzia a instruir os alunos com tarefas hipoteticamente “preparatórias”, enfatizando “a repetição”. (Mendes 2010, p. 103).

Para Mendes (2010, p. 104), as instituições fundamentadas na doutrina da segregação educacional, consentiram converter o ensino especial num ambiente na qual “a exclusão e a discriminação social” eram aceitas, transformando o ensino especial em um potente artifício de seleção social nas entidades de ensino público da educação básica. Desde então, aumentou as críticas e as limitações vindas de vários componentes da sociedade, contrariando a conservação “da educação especial como instância legitimadora das impropriedades da educação regular”. E assim, o país, em meio aos problemas de atuação da educação no país foi obrigado por agências multilaterais a aderir a políticas de educação e inclusão para todos. Desse modo, a educação inclusiva começou a pertencer a sistema grande relevância para o progresso e a conservação do estado igualitário, fazendo com que a educação especial começasse a se moldar elemento complementar e indispensável para esse processo.

Desse modo, Mendes (2010, p. 105) pontua que a educação inclusiva no país ao final dos anos noventa vai sendo caracterizada por sua introdução no âmbito da reorganização do sistema educacional e por meio da discussão da educação inclusiva, abrangendo a dualidade no campo entre as pessoas que aderiram à inclusão escolar e as que adotaram a uma ótica mais drástica embasada na inclusão absoluta.

A autora ressalta ainda que a origem desse enredo se deu juntamente com a culminância do domínio da filosofia da “normalização e integração” em um contexto mundial. Houve uma modificação filosófica conduzida pela noção de inserção em escolas comuns, contrariando, assim, a ideia de que a segregação escolar consentiria melhor acolher às necessidades educacionais desses alunos. Desde então se passaram média de 30 anos de um sistema que se dizia presar pelo conceito de integração escolar até aparecer o discurso da inclusão escolar no Brasil, em meados da década de noventa. (Mendes 2010, p. 106).

No entanto, Mendes (2010, p. 106) nos fala que a maior parte das crianças em situação de deficiência não frequenta a escola, seja ela qual for. Isso implica dizer que predomina mais uma “exclusão escolar generalizada dos indivíduos com necessidades educacionais especiais na realidade brasileira”. No entanto, os problemas da educação especial no país não se reservam à ausência de acesso, pois a escassa quantidade de alunos com necessidades especiais que têm tido acesso a algum tipo de escola não significa que estão recebendo uma educação adequada, podendo ser por motivos tais como a falta de recursos ou mesmo por falta de profissionais qualificados.

Assim, o debate sobre a questão da Educação Inclusiva é hoje um fenômeno de retórica como foi a integração escolar nos últimos 30 anos. O paradoxo é que ao mesmo tempo em que se trata de uma ideologia importada de países desenvolvidos, que representa um alinhamento ao modismo, pois não temos lastro histórico na nossa realidade que a sustente; não podemos negar que a perspectiva filosófica, a inclusão é uma questão de valor, ou seja, é um imperativo moral. Não há como questioná-lo nem na perspectiva filosófica nem política, porque de fato se trata de uma estratégia com potencial para garantir o avanço necessário da educação especial brasileira (Mendes 2010, p. 106).

Nas palavras de Mendes (2010, p. 106) a grande problemática da educação especial brasileira se dá pelo fato de que seus movimentos se processam de forma independente dos movimentos da educação regular. Não levando em consideração a necessidade inadiável de uniformização do acesso, sendo que este objetivo

precisa ser delimitado pelo sistema da educação geral, tendo em vista que uma escola popular para a sociedade que almeja ser mais democrática, não poderá despontar quando existem artifícios tão funcionais de exclusão e seletividade social. Desse modo, a grande questão é a de como desenvolver uma escola pública de qualidade para todos, ao mesmo tempo, assegurando que as particularidades do público alvo da educação especial sejam levadas em consideração.

A noção de deficiência vista como uma variedade do padrão foi imposta no século XVIII, a partir desse período ser diferente é suportar um corpo que não pertence ao padrão. Resistir à concepção de deficiência como algo incomum não quer dizer que se rejeita o fato de que um corpo com lesão precise de auxílio médico ou de reabilitação, tendo em vista o fato de que tenham ou não deficiência precisam de suporte médico em situações diversas. Assim sendo, as opções para quebrar o ciclo de segregação e opressão não deveriam ser procuradas nos recursos médicos e sim na ação política que dispõe de meios para denunciar a ideologia que oprime os deficientes. (Diniz 2007, p. 08).

Segundo Diniz (2007, p. 10), para os pioneiros nos estudos a respeito da deficiência, o vocabulário que fazia referência ao assunto estava carregado de sentidos pejorativos, tais como “aleijado”, “manco”, “retardado”, e outros termos que até então fazem parte do vocabulário atual.

Com o intuito de denotar que a deficiência era um aspecto isolado da relação social, os primeiros estudiosos decidiram utilizar o termo “pessoa deficiente”, “deficiente” e “pessoa com deficiência”. Como consequência da percepção da deficiência como um artifício de individualidade resistente que fez surgir a definição de “pessoa não-deficiente” ou “não-deficiente”, abolindo o termo pessoa normal. (Diniz 2007, p. 11).

Diniz (2007) ressalta ainda que se para os médicos a questão estava na lesão, para o social, a deficiência era a consequência da ordem política e econômica capitalista, presume um modelo ideal de indivíduo produtivo. No entanto, ocorreu uma alteração na coerência da causalidade da deficiência entre o modelo médico e o social: para o modelo médico, a deficiência era consequência da lesão, enquanto para o modelo social, a deficiência provém das conspirações sociais opressivas às pessoas com deficiência. Segundo o modelo médico, lesão conduz à deficiência; ao

passo que para o modelo social a opressão levava pessoas com lesão a conhecerem a deficiência.

De acordo com a autora, a primeira geração do padrão social da deficiência vinha de duas afirmativas: a primeira alegava que as dificuldades derivavam mais diretamente dos obstáculos que das próprias lesões; a segunda afirmação diz que retirados os obstáculos, os deficientes passariam a ser independentes. A proposição do modelo social era a de independência como valor ético para a existência humana, sendo que o principal empecilho na independência dos deficientes são as barreiras arquitetônicas e as de transporte.

Mendes (2010, p. 64 e 68) afirma ainda que para algumas pessoas em situação de deficiência, a busca pela igualdade apoia-se em fundamentos de bem-estar que diferem dos princípios morais independentes. Como por exemplo, a interdependência, é um princípio moral desconsiderado pela primeira formação de estudiosos pertencentes ao modelo social, porém o feminismo julgou como prioridade. A declaração de que, em uma sociedade onde não existe obstáculos, as pessoas com deficiência conheceriam a liberdade foi o lema político que retratava os ideais das pessoas em situação de deficiência, porém, as estudiosas feministas do cuidado avaliaram as conveniências de outros grupos de deficientes, sendo esses, para quem o direito ao cuidado era primordial na busca por igualdade. Admitir que o cuidado é também uma busca das pessoas com deficiência foi perturbante para os primeiros estudiosos do modelo social, especialmente pelo fato de que essa aprovação era desejada “pelas cuidadoras dos deficientes”.

Aos olhos dos teóricos do modelo social, havia uma ameaça política na defesa do cuidado como princípio de justiça: a de devolver os deficientes ao espaço da subalternidade e da exclusão social, pois seria mais fácil garantir o cuidado que modificar a ordem social e política que oprimia os deficientes. Para uma sociedade pouco sensível aos interesses dos deficientes, o cuidado era um valor com baixo potencial de subversão da ordem moral (Diniz 2007, p. 68).

Para Diniz (2007, p. 70), o zelo e a reciprocidade são convicções que constituem a vivência social. Até os dias atuais, são vistos como aptidões femininas e, assim sendo, são limitados à vida doméstica. A maior dificuldade das estudiosas feministas é o de expressar a probabilidade de existir um propósito justo contemple o cuidado em condições de total irregularidade de controle. O propósito final precisa ser o de admitir “as relações de dependência e cuidado como questões de justiça social para deficientes e não deficientes”.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, a educação especial é a “modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais”(Schmid 2011, p. 23).

A Resolução n. 02, de 11 de fevereiro de 2001, da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação – CEB/CNE define que a educação especial precisa levar em consideração

Os perfis dos estudantes e suas faixas etárias, de modo a assegurar a dignidade humana, o direito de cada aluno de inserção na vida social, o reconhecimento de suas diferenças e potencialidades, bem como ampliação do exercício da cidadania. (Idem)

O mesmo documento ressalta ainda que por

Educação especial, modalidade da educação escolar, entende-se um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica. (Idem)

Assim, é possível afirmar que ao longo dos tempos a noção de deficiência tem se modificado sob o ponto de vista social. O termo deficiência deixou de fazer referência à condição de um indivíduo erroneamente tido como inferior, passando a ser considerado um problema social. Isso significa dizer que a deficiência não está no indivíduo e sim na sociedade que não possui capacidade para atender às especificidades de cada cidadão.

2. SUJEITOS E METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido com a turma do 4º ano do ensino fundamental de uma escola municipal, na qual estão matriculados dois alunos com necessidades especiais¹. A aluna Alice tem Síndrome de Down, faz acompanhamento na APAE toda terça-feira, tem 15 anos. O aluno Bernardo tem deficiência intelectual, tem 12 anos e até o final do estágio não fazia nenhum acompanhamento na sala de recursos da escola (estavam providenciando para que ele começasse a frequentar a sala de recursos de uma escola localizada próximo à sua casa). Fizemos questão de que as atividades desenvolvidas na sala de aula envolvessem também a professora titular e os demais alunos, porque a intenção era justamente estabelecer processos interativos a partir da exploração da literatura infantil.

A turma era composta por 35 alunos, bastante participativos nos momentos em que se tratava das conversas informais, porém, nas primeiras semanas, alguns ficavam inibidos ao precisar fazer alguma atividade que envolvia escrita, pois alegavam não saber. Contudo, tanto eu quanto a professora da classe argumentávamos que ajudaríamos quando houvesse dúvidas levando-os a ter mais confiança. Isso não resolveu as dificuldades que tinham em relação à escrita, no entanto, os incentivou a participar de todas as atividades que eram propostas, facilitando o processo de aprendizagem.

A professora da turma é formada em Pedagogia e tem certificado de pós-graduação em Psicopedagogia. É concursada e atua na área da educação há vinte e quatro anos. Durante seis anos ocupou o cargo de coordenadora na escola onde trabalha.

A seguir, faremos uma breve explanação abordando a caracterização das crianças com síndrome de Down e deficiência intelectual. Falaremos também, de

¹ São utilizados aqui nomes fictícios, para proteger a identidade das crianças.

modo particular de ambos os alunos que nos auxiliaram a desenvolver esse trabalho, Alice e Bernardo.

2.1. CARACTERIZAÇÃO DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN

Segundo Leonardo Leite, em 1866, John Langdon Down percebeu que certas crianças com atraso mental apresentavam as mesmas características físicas. Desse modo, utilizou-se o termo “mongolismo” para fazer menção à aparência dessas pessoas que na época eram considerados seres inferiores.

Cientificamente falando, Leonardo Leite explica que o número de cromossomos das células de uma pessoa é 46 (23 do pai e 23 da mãe), onde os mesmos formam 23 pares. Em 1958, o geneticista Jérôme Lejeune verificou que no caso da Síndrome de Down há um erro na distribuição e, ao invés de 46, as células recebem 47 cromossomos e este cromossomo a mais se ligava ao par 21. Então surgiu o termo Trissomado 21 que é o resultado da não disjunção primária, que pode ocorrer em ambas as divisões meióticas e em ambos os pais. O processo que ocorre na célula é identificado por um não pareamento dos cromossomos de forma apropriada para os pólos na fase denominada anáfase, por isso um dos gametas receberá dois cromossomos 21 e o outro nenhum. Como forma de homenagear o Dr. John, o Dr. Jérôme batizou essa irregularidade com o nome de Síndrome de Down.

Segundo Fábio Adiron, as três principais características da síndrome de Down são a hipotonia (flacidez muscular, o bebê é mais molinho); o comprometimento intelectual e conseqüentemente a aprendizagem é mais lenta e o fenótipo (aparência física). Podem existir outras características físicas como olhos amendoados, uma linha única na palma de uma ou das duas mãos, dedos curtos, entre outros. No entanto, Fábio Adiron enfatiza que apesar da aparência por vezes comum entre pessoas com síndrome de Down, é preciso lembrar que o que caracteriza mesmo o indivíduo é sua carga genética familiar, o que faz com que seja parecido com seus pais e irmãos.

2.2. CARACTERIZAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

A deficiência intelectual pode ser ocasionada por diversos fatores, podendo ser eles problemas genéticos e doenças infecciosas ou, até mesmo por envenenamento, por radiação e desnutrição.

A deficiência intelectual pode se apresentar de diversas formas, podendo em muitos casos apresentar alguma limitação física. No entanto, segundo especialistas, em meio a tantas diversidades, têm-se um fator em comum: a insuficiência intelectual. Isso faz com que esse seja um conceito altamente relativo, pois, se eu digo que algo é insuficiente evidentemente estamos relacionando com algo.

Vale ressaltar que o termo pessoa com deficiência mental “não é aconselhado principalmente para se evitar confusões indevidas entre deficiência e doçençamental (esta última englobando transtornos como, por exemplo, psicoses e esquizofrenias)” (Schmid 2011, p. 17).

Desse modo, acredita-se que a terminologia ideal seja pessoa com deficiência intelectual.

O aluno diagnosticado com deficiência intelectual apresenta relevantes variações e ritmos que se diferem no percurso de construção do conhecimento. Desse modo, considera-se inadequado as práticas voltadas para o nivelamento cognitivo ressaltando as limitações provenientes da deficiência intelectual. Contrário a isso, devemos nos atentar para as habilidades que esse aluno traz consigo, atrelando a isso a metodologia adotada e o interesse do mesmo para que haja a aprendizagem de modo significativo.

Ao trazer para a sala de aula metodologias na qual todos os alunos pudessem participar de maneira mais dinâmica, conseguimos despertar interesses no aluno Bernardo, fazendo com que o mesmo participasse de todas as atividades demonstrando maior interesse nas atividades que envolvia dinâmicas e durante as conversas informais.

2.3. METODOLOGIA UTILIZADA

Como a intenção era analisar os efeitos da literatura infantil na interação da turma, inicialmente contatamos que essas atividades não eram desenvolvidas de

modo sistemático. Desse modo, propomos então à professora contribuir com o trabalho dela, coordenando atividades com histórias infantis ao longo do semestre. O trabalho foi desenvolvido em três dias da semana (nas segundas, terças e quartas), sendo duas aulas em cada dia, o que num período de vinte e seis dias corresponde a cento e cinquenta e seis aulas. As histórias trabalhadas foram: “A Bela Adormecida”, “A Gata Borracheira”, “E o que vem depois de mil”, “Chapeuzinho Vermelho”, “João e o pé de feijão”, “O patinho feio”, “O gato de botas”, “A Bela e a fera”.

O planejamento das aulas era apresentado à professora e discutido com ela. A sistemática das atividades em classe era a seguinte: a cada semana era abordada uma narrativa diferente. Cada aula era iniciada com uma conversa informal com os alunos a fim de sondar seus conhecimentos prévios a respeito da narrativa a ser trabalhada. Em seguida, apresentava-se a história através de uma leitura compartilhada, teatro, fantoches, varal de histórias, entre outros. Dando continuidade, novamente era realizada uma conversa informal para, em conjunto, fazer a análise do texto, discutindo os assuntos que emergiam da narrativa escolhida. Como atividades, os alunos realizavam uma retextualização da história trabalhada e uma ilustração; na retextualização os alunos poderiam reformular a história da maneira que lhes agradasse, abrindo caminho para possibilidade de criar e recriar, estimulando a imaginação. No caso das ilustrações eles poderiam expressar por meio do desenho o que mais lhe chamou a atenção, o que mais lhe agradou na história. Como material de apoio, foram utilizados os filmes “A origem dos guardiões” e brincadeiras. No final das atividades, a pesquisadora registrava no caderno de campo suas principais reações durante a atividade, assim como coletava o material produzido (ilustrações, registros) para digitalização.

3. A ATIVIDADE COM CONTOS DE FADA EM SALA DE AULA

Com o objetivo de colaborar com o desenvolvimento afetivo-emocional dos alunos, exploramos nas duas primeiras aulas (dias 25 e 26 de março), o conto “A Bela Adormecida”. O início das aulas deu-se com uma conversa informal para que os alunos pudessem expor as histórias que conhecem da Bela Adormecida. Em seguida, a pesquisadora iniciou a leitura, propondo logo depois que eles fizessem a retextualização, no quadro negro. Um aluno começava a escrever a história, outro aluno dava continuidade. Para finalizar a atividade, toda a turma copiava para o caderno a versão da história da Bela Adormecida criada por eles.

No início da aula do dia seguinte, foi lembrada, com os alunos, a história lida na aula anterior. Dando continuidade, eles fizeram a ilustração da narrativa. No primeiro dia (25/03), a aluna Alice (com síndrome de Down) não compareceu à aula. Bernardo (com deficiência intelectual), não faltou, porém ficou disperso no momento da leitura do conto e durante a retextualização feita no quadro. Mesmo não fixando a atenção na leitura, o aluno, em momento algum se mostrou incomodado. Ele não quis participar da atividade no quadro, mas não se negou a fazer a ilustração do conto. Durante essa atividade, a pesquisadora se sentou ao lado dele; e de maneira espontânea, o garoto disse que antes de vir morar em Marabá, havia morado em Tucuruí e que gostava muito de lá. Ao terminar a ilustração, foi pedido para que ele explicasse o que tinha feito: havia desenhado uma casa com pessoas dentro, e duas ruas, sendo que uma delas tinha o nome de São Léo². A turma foi participativa nesse primeiro dia. Demonstraram bastante interesse em participar das atividades. Duas alunas perguntaram se podiam criar a própria história ao invés de copiarem a que tinha sido feita no quadro.

²

Nome de um empresário local morto recentemente.

No segundo dia (26/03), novamente Alice não compareceu à aula. Bernardo não faltou, porém, se negou a ficar dentro da sala e participar das atividades. Disse que queria ir embora, que não gostava de pessoas do Japão e por esse motivo ele não gostava da pesquisadora (referindo-se a traços físicos seus). A professora tentou convencê-lo de voltar para a sala de aula, no entanto ele alegou não gostar da escola, disse também que não gostava da professora, por isso, queria ir embora. A professora o levou para a sala da coordenação, para que pudessem conversar com ele. Ele estava bastante nervoso e chorava muito. A coordenação entrou em contato com a família e pediu que os responsáveis pelo aluno comparecessem à escola para que pudessem conversar.

Os demais alunos desenvolveram a atividade com êxito. Mais uma vez se mostraram interessados em participar da atividade, no momento da retomada da história. Lembraram com riqueza de detalhes a narrativa em questão. No momento da ilustração eles ficaram empolgadíssimos, trazendo para o desenho detalhes como o castelo rodeado de espinhos, o reino adormecendo junto com a princesa, entre outros.

Nas aulas dos dias 30/03 a 01/04, foram explorados com as crianças o conto “A gata borralheira”. Na primeira aula, foi realizada a exploração dos conhecimentos que eles já tinham sobre a história e explicado a eles que essa história também é conhecida como “Cinderela”. Foi feita, pela pesquisadora, a leitura da história em questão para que depois eles fizessem a retextualização no caderno. Alice participou, Bernardo não compareceu. Questionada, a professora disse que depois do dia 26 de março Bernardo não mais foi para a aula. Ela disse que é muito comum Alice faltar, pois tem a saúde muito debilitada e até mesmo as mudanças climáticas a prejudicam. Disse também que a mãe da aluna é super protetora e acredita que isso impeça o seu desenvolvimento. Alice tem 15 anos e é aluna da APAE há 12 anos, no entanto, segundo a professora, a mãe não sabe o que a impede desenvolver suas habilidades como coordenação motora, escrita, conhecimento do alfabeto, etc.

No que diz respeito à aula, Alice ficou dispersa no momento em que foi feita a leitura da história da “Gata Borralheira”, desse modo, a pesquisadora sentou-se ao lado dela e contou novamente a história a fim de que ela se interessasse, porém sem resultados aparentes. Terminado a leitura, foi entregue a ela uma folha para

que pudesse fazer a ilustração da história. Ela riscou bastante toda a folha, de cores diferentes. Perguntada sobre o que tinha desenhado, a aluna disse que desenhou brincos, vestidos e shorts. A história lida fala do momento em que as irmãs da Gata Borracheira se arrumam para irem ao baile do príncipe, escolhendo cada uma os seus melhores vestidos. É possível que ela tenha feito a ilustração desse momento, evidenciando aspectos que podem ser mobilizados nas atividades seguintes.

Na aula seguinte (31/03), os alunos deram continuidade à atividade da aula anterior, ao terminarem, fizeram a ilustração do conto. A irmã de Bernardo veio à escola, como foi solicitado pela coordenação; ele, porém, não queria entrar na sala. A irmã, depois de a professora ter perguntado, disse que na semana anterior ele havia faltado às aulas porque não estava interessado em ir à escola e que na segunda-feira, ele faltou porque havia morrido um amigo dele, deixando-o muito abalado. Depois de muita insistência o aluno resolveu entrar na sala, a professora foi conversar com ele, instigando-o sobre os motivos dele ter faltado. Bernardo contou com detalhes que tinha faltado na segunda-feira porque o amigo havia falecido de acidente de carro quando estava indo (ou vindo) da AABB; disse também que o outro rapaz que estava no carro havia bebido por isso aconteceu o acidente. Na semana anterior, segundo ele, havia faltado às aulas para empinar pipa. A professora perguntou por que ele não gostava de pessoas do Japão e ele disse que é pelo fato de que eles iriam jogar contra o Brasil na Copa do Mundo³. Em seguida, a pesquisadora foi conversar com ele, e ele contou a mesma história do amigo que havia falecido; contou também que chorou muito durante o velório, pois havia uma foto do amigo em cima do caixão.

No dia 01/04, fui à biblioteca selecionar alguns livros para que os alunos pudessem fazer a leitura em sala de aula. Encontrei uma coleção completa das obras de Monteiro Lobato, por se tratar de personagens bastante conhecidos e acreditar que os alunos iriam gostar, levei para a sala de aula. Ao iniciar a aula, eles se dividiram em grupos, misturando os alunos que sabiam ler junto aos que não sabiam ainda. Em seguida, cada grupo contou a história lida para toda turma. Tanto Alice quanto o Bernardo vieram para a aula. Os dois ficaram em grupos separados. No momento da leitura em grupos, eles ficaram novamente dispersos, porém, no

3

Era véspera da Copa do Mundo de Futebol, ocorrida em junho/julho de 2014.

momento em que a pesquisadora estava lendo um livro que havia selecionado na biblioteca para fazer a leitura em voz alta, o Bernardo ficou atento, prestando atenção no que ela estava falando. Ele pediu para fazer um desenho no quadro; pegou o giz e fez o desenho de uma pessoa. Terminando o desenho, chamou a pesquisadora e disse que a havia desenhado. Abaixo do desenho, havia algumas letras feitas por ele, percebi que ele tinha tentado escrever as palavras “Japão” e “Copa”. O comportamento do Bernardo em relação à morte do amigo fez perceber que seria bastante produtivo trabalhar com os alunos algum livro que abordasse essa temática, para ajudar a lidar com a questão das perdas. Para isso, foi selecionado o livro “E o que vem depois de mil?”, de Anette Bley.

A pesquisadora iniciou a aula do dia 06/04 fazendo um breve resumo do que tratava a história, porém, deixando os alunos curiosos de como se daria o desfecho da narrativa entre o idoso e sua amiguinha. Depois, foi feita a leitura do livro. Em seguida iniciou uma roda de conversas para que cada aluno dissesse se já perdeu algum ente querido, fosse ele amigo, parente ou até mesmo um animal de estimação. Nesse dia, Bernardo não compareceu à aula, somente Alice. No momento da leitura a aluna ficou dispersa em alguns momentos, também não quis falar nada durante a roda de conversas.

Na aula do dia 07/04 cada aluno fez uma ilustração, abordando algo que os fizessem lembrar o que haviam dito na roda de conversas do dia anterior para depois explicarem aos colegas o que haviam desenhado e o motivo de terem feito tal escolha. Ao fazer o desenho, na qual havia sido solicitado a Alice que desenhasse alguém que já havia falecido da família dela ou até mesmo amigos, ela fez vários desenhos parecidos, porém em tamanhos diferentes, esses desenhos retratavam pessoas da família dela, a mãe, o pai, o irmão, a avó e o cachorro chamado Valente. Indagada se alguém daquele quadro já havia falecido, ela disse que somente a avó.

Na aula seguinte, Alice faltou. Bernardo compareceu à aula. A pesquisadora pediu aos outros alunos que iniciassem a ilustração enquanto fazia a leitura da história para ele. A história chamou bastante a atenção do aluno, fazendo com que ele se identificasse com a personagem, pois, como ele mesmo disse, também havia perdido um amigo. Terminada a leitura da história, ele pediu o livro para que pudesse folhear. Ao terminar, a pesquisadora entregou a ele uma folha de papel,

para que ele pudesse fazer o desenho que seria apresentado posteriormente para toda a turma. No momento da apresentação, os primeiros ficaram com bastante receio, porém, os outros foram gostando da ideia e acabaram se soltando.

Todos apresentaram seus desenhos e a pesquisadora ficou comovida com o que as crianças retrataram. Alguns desenhos chamaram a atenção, como o de uma aluna que desenhou um hotel e duas pessoas; ao explicar, ela disse que aquele era o hotel onde o pai ficava quando brigava com a mãe, e todas as vezes que isso acontecia ela preferia ir junto com o pai; contou também que o pai havia morrido na frente dela. Outra aluna desenhou uma criança dentro de um berço, ao explicar disse que era a irmã que havia falecido quando era bebê. Um dos alunos chegou a chorar ao falar da avó que havia falecido, no desenho, ele retratou o lugar onde a avó morava antes do ocorrido.

O desenho do Bernardo também foi um dos que prendeu a atenção: ele disse que havia desenhado o amigo que também se chamava Bernardo e que havia falecido há pouco tempo. No desenho, o amigo estava usando um boné (Bernardo informou que era seu costume) e uma camisa preta da seleção brasileira. E ao lado, ele desenhou a si mesmo com o cabelo bagunçado; contou que o amigo, toda vez que o via, passava a mão na cabeça dele bagunçando todo o cabelo.

No dia seguinte (08/04), com a ajuda de todos da turma, foi confeccionado um mural com a finalidade de expor todas as atividades elaboradas. A cada semana, a pesquisadora escolheria uma ilustração para ser fixada no mural. Durante a montagem, enquanto uns ajudavam a colar o TNT na parede, outros ajudavam a professora a cortar o TNT que seria utilizado para enfeitar as laterais do mural; outros enfeitavam as cartolinas que seriam utilizadas para colar as atividades selecionadas. Recortaram também as letras que seriam coladas no mural, enfim, de uma maneira ou de outra, todos participaram. Alice e Bernardo ajudaram a pesquisadora a cortar e colar o TNT; ajudaram também no momento da ornamentação do painel, colando as letras e alguns desenhos, juntamente com os demais. Por escolha dos alunos, o mural recebeu o nome de “Mural de atividades”. Ficou muito bonito, e os alunos ficaram bastante empolgados com o trabalho coletivo.

Na aula do dia 13/04 os alunos assistiram na sala de vídeo da escola o filme “A origem dos guardiões”. Tanto Alice quanto Bernardo foram para a escola. Os

alunos demonstraram ter gostado bastante do filme, porém, não tivemos tempo de conversarmos a respeito, pois já havia extrapolado o horário.

Na aula seguinte, 14/04, iniciamos com uma conversa para que os alunos pudessem expor suas opiniões a respeito do filme. A escolha desse filme, deu-se pelo fato de que ele traz alguns personagens de histórias infantis como a Fada dos Dentes, Norte (Papai Noel), o guardião dos sonhos, Breu (o Bicho Papão), o Coelho (Coelho da Páscoa) que vive em guerra com o Papai Noel, pois o mesmo o provoca dizendo que o Natal é mais importante que a Páscoa e Jack Frost que possui poderes climáticos. Desse modo, fiz uso desse filme para poder introduzir a conversa sobre a Páscoa. A aluna Alice havia faltado. Bernardo chegou um pouquinho atrasado, com isso, já estávamos conversando sobre os personagens do filme. Para instigar Bernardo a fazer parte da conversa perguntei a ele se havia gostado do filme e ele respondeu que sim, disse também que de todos os personagens, Jack Frost foi o que mais lhe chamou atenção, pois ele tem o poder de fazer tobogãs de gelo onde as crianças podem escorregar (descreveu uma das cenas). Os alunos abordaram as características dos personagens que mais chamaram a atenção deles, como o Breu (Bicho Papão), que segundo eles, é o único personagem malvado; o Jack Frost é um garoto sapeca, mas no final, conseguiu fazer com que as crianças continuassem acreditando nos guardiões e o Coelho que era muito sério, ficou fofinho e pequenininho porque as crianças deixaram de acreditar que ele existia, pois na Páscoa ele não conseguiu entregar os ovos de chocolate.

Para concluir a conversa, foi trabalhado com os alunos os significados dos símbolos da Páscoa.

Em seguida, selecionamos os alunos que iriam ensaiar para a culminância que seria no dia 15/04 com todas as turmas do ensino infantil. Os alunos apresentaram uma música gospel e um teatro que trazia a Páscoa como tema.

As apresentações no pátio da escola se deram por ordem das séries, iniciando pelo primeiro ano do primeiro ciclo. Todas as apresentações abordavam o tema da Páscoa. Durante a apresentação do 4º A, os alunos ficaram bastante nervosos principalmente os que participariam da dramatização. No entanto, o nervosismo não impediu que eles terminassem as apresentações de maneira exitosa.

Terminadas as apresentações das turmas, os professores se dirigiram com os alunos para as salas a fim de organizarem as salas para a festinha em comemoração a Páscoa. Cada aluno colaborou com a festinha, uns levaram refrigerantes, brigadeiros, pipocas, salgadinhos e Bernardo levou o bolo. Alice não quis participar das brincadeiras, enquanto Bernardo participou de todas. Cantou, dançou, participou do desfile, enfim.

No momento em que os pais começaram a chegar para levar seus filhos, a pesquisadora também saiu. Na aula seguinte, a professora contou, com a ajuda de alguns dos alunos que Alice meio que “de repente” levantou-se e começou a falar da festinha que fizeram na APAE, falou também que teve bolo e refrigerante. A professora disse que ela passou uns 15 minutos falando como foi a festinha da APAE, não dava pra entender com exatidão o que ela falava, mas, de acordo com os gestos que ela fazia dava para assimilar. O pai da aluna estava presente, assim como os responsáveis por outras crianças, todos ficaram bastante atentos. No final, alguns comentaram sobre o comportamento dos outros alunos em relação a Alice, pois todos ficaram encantados.

Na aula do dia 20/04 introduzimos o conto “Chapeuzinho Vermelho”. Com a ajuda dos alunos, arrumamos as cadeiras em forma de círculo deixando um espaço no meio da sala. Em seguida, iniciamos uma conversa informal, a fim de que os alunos pudessem expor as versões que conheciam da narrativa em questão.

Os alunos presenciaram a versão da história em questão através de um miniteatro feito por eles mesmos.

Auxiliei no momento da escolha dos personagens tentando fazer com que tanto os alunos mais ativos quanto os mais inibidos se sentissem à vontade para participar. Os alunos tiveram o restante da aula para ensaiar para a apresentação que aconteceria na aula seguinte.

Durante a escolha dos personagens, Bernardo se ofereceu para ser o lobo mau. Selecionamos os outros personagens e os alunos que não quiseram participar da encenação, ajudaram os colegas na organização. Alice não quis participar do teatro, assim, ficou junto aos demais alunos responsáveis pela organização. Foi possível notar que ela se sentiu a vontade.

Os alunos ficaram bastante eufóricos, dificultando o ensaio. A professora comentou que sentia dificuldades em trabalhar com eles em grupos, pois eles conversavam bastante.

No dia 21/04, novamente Alice e Bernardo compareceram à aula. Os alunos passaram mais ou menos uns trinta minutos para poderem se organizar e montar o cenário. Ficaram tímidos no início da apresentação, mas depois se soltaram. Divertiram-se bastante durante a dramatização. Iniciamos uma conversa para discutirmos os temas transversais da narrativa. Os alunos ressaltaram na conversa temas a maldade do lobo, por ter se aproximado da menina como sendo uma pessoa do bem quando na verdade ele queria devorá-la.

Para finalizar a aula, pedi a eles que, em casa, analisassem a história trabalhada e pensassem em um elemento que mais chamou a atenção deles.

Na aula do dia 22/04, iniciamos uma breve conversa com os alunos retomando a aula anterior onde havia pedido para eles pensarem em algo que prendeu a atenção deles com o intuito de que pudessem ilustrar em seguida.

Alguns desenharam a vovó, outros desenharam a menina Chapeuzinho Vermelho, mas a maioria, como já era se esperar, desenharam o lobo, inclusive Bernardo. Alice havia faltado.

Para a aula do dia 27/04, escolhemos a história “João e o pé de feijão”. A narrativa foi apresentada aos alunos através de uma leitura compartilhada. Os alunos pediram que eu pegasse os tapetes que a escola disponibilizava para que eles pudessem sentar no chão no momento da leitura da narrativa. Com a ajuda dos alunos, afastamos todas as cadeiras e espalhamos os tapetes na sala. Fiz várias cópias da história e distribuí para eles. Antes de iniciar a leitura, definimos uma sequência para que não houvesse bagunça, consequentemente, atrapalhando o desenvolvimento da leitura. Feito isso, iniciou-se a leitura. Todos os alunos ficaram bastante atentos, pois, segundo eles, por mais que a narrativa seja considerada um clássico, eles não conheciam na íntegra, desconhecendo alguns detalhes presentes na história. Bernardo e Alice não participaram da leitura, mas ficaram bastante atentos. Terminada a leitura, iniciamos uma conversa informal. O detalhe mais frisado pelos alunos foi o fato do João ter pegado toda a riqueza do gigante.

Tanto Alice quanto Bernardo estavam presentes na sala de aula. Quando finalizamos a aula o aluno Bernardo pediu para que o acompanhasse até a

biblioteca. Chegando lá, ele passeou por várias prateleiras, folheando atentamente alguns livros que lhe chamaram atenção, principalmente os mais ilustrados. Entre os livros “explorados” estava “O patinho feio”. O aluno perguntou se eu conhecia essa narrativa e eu disse que sim, disse também que poderia levar a história para a sala de aula na semana seguinte. Passamos uns quinze minutos até ele chamar para sairmos do local. Perguntei se ele queria levar algum para ler em casa e ele respondeu que não, que queria ver somente na biblioteca.

Para iniciarmos a aula do dia 28/04, instigamos os alunos a recontarem a história que haviam ouvido na aula anterior com o intuito de que eles relembressem detalhes da narrativa e em seguida fariam a ilustração da parte da história que mais tivessem gostado, aproveitando o fato de que eles gostavam muito de atividades de ilustração. No entanto, tinha uma proposta diferenciada das atividades de ilustração anteriores. Dessa vez propus a eles que fizéssemos uma “colcha de retalhos” com as ilustrações que fariam. Funcionou da seguinte maneira: os alunos construíram uma história ilustrada, levando em consideração os acontecimentos da narrativa contada de “João e o pé de feijão”. Em seguida, fixaram um desenho no outro, formando uma colcha de retalhos.

Na aula do dia 29/04 os alunos finalizaram a atividade “Colcha de retalho” e depois expuseram para a sala. Como a sala contém cerca de vinte alunos, conseguiram montar três histórias. Eles mesmos selecionaram os alunos que fariam a explanação das narrativas organizadas. Fizeram isso em duplas. Bernardo foi um dos alunos que participaram da explanação da história por meio da ilustração. O aluno, assim como os demais, conseguiu associar cada desenho com a história trabalhada.

Para as aulas dos dias 05 e 06/05, a pedido do Bernardo, selecionamos a história “O patinho feio” para ser trabalhada em sala de aula. No dia 05/05, para apresentação da narrativa aos alunos, escolhemos um varal de histórias. Desse modo, imprimimos as imagens e solicitamos aos alunos que colorissem. Em seguida, os auxiliamos para que pudessem grampear as imagens em um barbante, finalizando o “varal de histórias” para em seguida fazermos a leitura da narrativa. Solicitamos à Alice e Bernardo que nos ajudassem a segurar o varal enquanto líamos a história, no entanto, a aluna não concordou em participar, porém, Bernardo não hesitou. Assim, demos início à leitura da história. Os alunos ficaram bastante

eufóricos durante a montagem do varal, porém, ficaram atentos durante a leitura da narrativa em questão. Terminado a apresentação da história, iniciamos uma conversa informal onde os alunos fizeram comentários a respeito da história.

Para a aula do dia 06/05, propomos aos alunos que fizessem a ilustração da história trabalhada na aula anterior.

Segundo Bernardo e os demais alunos, o desenrolar da história foi surpreendente, pois apesar de ser uma história muito conhecida a maioria das pessoas sabem somente que o personagem foi abandonado pela família por ser feio e que ao final da história ele se transforma em um lindo cisne.

No dia 07/05, não houve aula, pois teria reunião da “Hora Pedagógica”. O encontro iniciou com a leitura do texto “A menina do vestido azul”, em seguida foi feito um comentário muito breve a respeito do texto lido, deixando em aberto para que alguém comentasse a respeito, porém ninguém se pronunciou. Desse modo, iniciou-se a reunião expondo os objetivos e os assuntos que seriam abordados. Terminado essa explanação, a coordenadora convidou as professoras da educação infantil para que fossem até a biblioteca, onde seriam feitas algumas observações a respeito das turmas.

Na biblioteca, as professoras foram abordando a situação das turmas pela qual são responsáveis. Para isso, levaram umas fichas que deveriam ser preenchidas antes do encontro, onde elas abordavam o nome dos alunos faltosos, abordariam também os pontos positivos e negativos da turma, os alunos que sabem ler e os que não sabem, entre outros.

De acordo com o que a professora ia pontuando, a coordenadora fazia algumas observações e propostas pedagógicas, por exemplo, para as professoras que tinham dificuldades em fazer com que os alunos respondessem as atividades para casa, ela propôs que fizessem uma tabela constando o nome de cada aluno, conforme eles fossem respondendo as atividades para casa, iam recebendo uma estrelinha. Isso, segundo a coordenadora, os motivaria.

As fichas preenchidas pela professora do 4º ano, não abrangiam nem o Bernardo, nem a Alice, os mesmos possuem um diagnóstico diferente do diagnóstico elaborado para o restante da turma.

Houve um momento em que a professora perguntou se o Bernardo seria descrito nas fichas junto aos demais alunos e a coordenadora disse que não.

O encerramento da reunião se deu após conversar com todas as professoras a respeito dos avanços e as dificuldades da turma, propondo possíveis soluções.

Nas aulas do dia 12 a 14/05, nos horários do estágio, tiramos para ensaiar com o Bernardo para uma apresentação que aconteceria no dia 16/05 em comemoração ao dia das mães. A princípio, o aluno apresentaria sozinho, uma música referente ao tema, porém, ele ficou um pouco intimidado tendo em vista que muita gente iria presenciar, desse modo, sugerimos que um colega o acompanhasse.

No dia 17/05, Antes de iniciar as apresentações, Bernardo estava nervosíssimo, com receio de que a mãe dele não fosse prestigiá-lo cantando. Chegou a pedir que ligássemos para confirmar se ela realmente estaria presente. Quando ela chegou, ele ficou mais calmo.

Iniciaram as apresentações. Bernardo se emocionou bastante, emocionando também as pessoas que estavam presentes, principalmente a mãe do aluno. Terminado a apresentação, o aluno disse que gostou muito de ter participado e que da próxima vez apresentaria sozinho.

Para as aulas do dia 18 a 20/05, os escolheram a história “O gato de botas”, para ser trabalhado com os alunos.

A apresentação da história no dia 19/05, foi feita na sala de vídeo por meio de animações envolvendo a história em questão.

Todos os alunos se envolveram com a narrativa. Durante a conversa informal, discutimos os temas transversais que envolvem a história como, por exemplo, o fato de que não podemos desprezar ninguém, porém, os alunos também pontuaram o fato de que o gato conseguiu fazer com que o seu dono se tornasse um rei bem sucedido por meio de mentiras. Bernardo relacionou o personagem da história com o personagem presente no filme “Shrek”. Alice assistiu ficou atenta durante a contação da história, porém não fez nenhum comentário.

Para a aula do dia 20/05, propomos como atividade uma ilustração da história. Ao recolher as ilustrações, percebemos que a maioria havia desenhado o gato de botas como sendo o vilão, com uma cara de malvado. Até mesmo Bernardo, que na aula anterior havia feito referência ao personagem “bonitinho” do filme “Shrek”.

Na aula do dia 21/05 a proposta de atividade foi uma retextualização em duplas. Tivemos um pouco de dificuldades em desenvolver a atividade planejada, pois os mesmos ficaram agitados, como em toda atividade desenvolvida em grupos. No entanto, isso não prejudicou a conclusão da atividade. Como já era previsto, todos modificaram o meio com que o gato ajudou o seu dono a ficar rico.

Na aula do dia 26/05 introduzimos o conto “Chapeuzinho Vermelho”. Com a ajuda dos alunos, arrumamos as cadeiras em forma de círculo deixando um espaço no meio da sala. Em seguida, iniciamos uma conversa informal, a fim de que os alunos pudessem expor as versões que conheciam da narrativa em questão.

Terminado a conversa informal, iniciamos a apresentação da história selecionada. Os alunos presenciaram a versão da história em questão através de um miniteatro feito por eles mesmos.

Auxiliei no momento da escolha dos personagens tentando fazer com que tanto os alunos mais ativos quanto os mais inibidos se sentissem à vontade para participar. Os alunos tiveram o restante da aula para ensaiar para a apresentação que aconteceria na aula seguinte.

Na aula do dia 27/05, tanto Alice quanto Bernardo foram para a escola. No momento da conversa informal, a maioria dos alunos fizeram comentários a respeito da clássica história “João e Maria”, onde a madrasta os abandona na floresta e eles encontram a casa de doces. Um dos alunos lembrou-se da versão “João e Maria, caçadores de bruxas” e o Bernardo disse que havia assistido a esse filme na Sky.

Durante a escolha dos personagens, Bernardo se ofereceu para ser o lobo mau. Selecionamos os outros personagens e os alunos que não quiseram participar da encenação, ajudaram os colegas na organização. Alice não quis participar do teatro, assim, ficou junto aos demais alunos responsáveis pela organização. Foi possível notar que ela se sentiu a vontade.

Os alunos ficaram bastante eufóricos, dificultando o ensaio. A professora comentou que sentia dificuldades em trabalhar com eles em grupos, pois eles conversavam bastante.

No dia 27/05, novamente Alice e Bernardo compareceram à aula. Os alunos passaram mais ou menos uns trinta minutos para poderem se organizar e montar o cenário. Ficaram tímidos no início da apresentação, mas depois se soltaram. Divertiram-se bastante durante a dramatização. Iniciamos uma conversa para

discutirmos os temas transversais da narrativa. Os alunos ressaltaram na conversa temas como a pobreza dos personagens principais, a maldade personificada na bruxa e na madrasta, entre outros.

Para finalizar a aula, pedi a eles que, em casa, analisassem a história trabalhada e pensassem em um elemento que mais chamou a atenção deles.

Na aula do dia 28/04, iniciamos uma breve conversa com os alunos retomando a aula anterior onde havia pedido para eles pensarem em algo que prendeu a atenção deles com o intuito de que pudessem ilustrar em seguida.

Alguns desenharam o lobo, outros desenharam os dois irmãos, mas a maioria, como já era se esperar, desenharam a casa de doces e a bruxa, inclusive Bernardo. Alice havia faltado.

Para finalizarmos a aula e o estágio propusemos uma roda de conversas a fim de que os alunos expusessem suas opiniões a respeito do estágio. Segundo eles, o estágio foi muito proveitoso, pois as atividades foram elaboradas de modo com que eles sentissem interesse em participar. Falaram também que ficavam ansiosos para saber a cada semana qual história seria contada. Para a professora da turma, foi muito gratificante perceber o quanto os alunos se envolveram com as atividades propostas, refletindo assim no comportamento e desenvolvimento de todos, não somente na Alice ou no Bernardo. Para ela, essa experiência trouxe diversos benefícios, como por exemplo, entender que para o Bernardo, a melhor maneira de envolvê-lo nas atividades é deixando-o em evidência, diferente de Alice. A maneira na qual os alunos passaram a se comportar, respeitando-se mutuamente, segundo a professora, também é reflexo do trabalho desenvolvido com eles durante o período de estágio.

4. ANÁLISE DAS ATIVIDADES REALIZADAS EM CLASSE

Desenvolveremos aqui, a análise das principais atividades desenvolvidas na sala de aula fazendo relação entre Abramovich e Vigotski a cerca das emoções e dos efeitos disso sobre o processo de inclusão. Para isso, fizemos uma tabela (vide anexo), contendo os recortes em que aparecem as emoções mobilizadas durante o estágio a fim de facilitar o processo analítico.

Vigotski (1997) traz a *compensação social* como metodologia da educação social que priorizava a introdução da pessoa com deficiência “nos diferentes espaços de atividade do cotidiano”. Essa linha de raciocínio sustenta a contraposição a um ensino que prioriza o defeito orgânico. Desse modo, é possível depreender que a problemática da deficiência abandona a ordem orgânica e passa a pertencer ao campo educacional detendo-se “nos processos sociais de desenvolvimento e de formação da personalidade”. Isso significa dizer que devemos voltar nosso olhar não somente para o defeito e sim para a pessoa como um todo.

Tomar conhecimento disso foi de total relevância, nos auxiliando a compreender nossos alunos, despertando nosso interesse para cada detalhe relacionado a eles. No primeiro contato com a Alice foi possível notar o quanto a aluna se preocupava com a sua aparência física, algo normal para a idade dela. E isso pode ser confirmado logo na primeira atividade desenvolvida por ela no período do estágio. No momento da ilustração da história “A gata borralheira” pedimos à Alice que nos explicasse o que havia desenhado, a aluna disse que desenhou brincos, vestidos e shorts. A história lida fala do momento em que as irmãs da Gata Borralheira se arrumam para irem ao baile do príncipe, escolhendo cada uma os seus melhores vestidos. Como já dito anteriormente, a aluna é bastante vaidosa, desse modo, o momento da história que lhe chamou mais atenção é quando as irmãs começam a se arrumar para o baile, escolhendo os melhores vestidos e acessórios.

Ao definir o conceito de aprendizado Vigotski abre nossos olhos para uma das práticas recorrentes nas escolas e adotadas pela maioria dos professores: a primazia pelo aprendizado cognitivo. Desse modo, nos ajustamos ao sistema e de maneira errônea fazemos com que os nossos alunos também se adequem como se

fossem obrigados a deixar de lado a vida fora dos muros da escola, mesmo que por algumas horas. Não nos damos conta de que trabalhar o desempenho emocional e social do aluno, pode nos auxiliar no desenvolvimento do cognitivo.

Chegando na sala de aula, não nos preocupamos se o aluno se alimentou antes de ir para a escola, se a relação com os familiares favorece o desempenho do aluno ou até mesmo se ele está passando por alguma situação difícil de lidar, como por exemplo, a perda de um ente querido. Situação vivenciada pelo Bernardo, na segunda semana de estágio. Tendo isso em vista, fomos buscar auxílio na literatura infantil com o intuito de ajudá-lo a conviver melhor com essa circunstância.

Para isso, selecionamos um livro que abordasse o tema em questão e elaboramos atividades para serem trabalhadas com toda a turma. Fizemos a leitura do livro, em seguida, cada aluno fez uma ilustração, abordando algo que os fizessem lembrar o que haviam dito na roda de conversas do dia anterior para depois explicarem aos colegas o que haviam desenhado e o motivo de terem feito tal escolha. Ao fazer o desenho, na qual havia sido solicitado a Alice que desenhasse alguém que já havia falecido da família dela ou até mesmo amigos, ela fez vários desenhos parecidos, porém em tamanhos diferentes, esses desenhos retratavam pessoas da família dela, a mãe, o pai, o irmão, a avó e o cachorro chamado Valente. Indagada se alguém daquele quadro já havia falecido, ela disse que somente a avó. Ao olhar para o desenho de Alice, a professora da turma informou que as pessoas desenhadas (a mãe, o pai, o irmão, a avó) e o cachorro Valente, eram os parentes com os quais ela tinha mais contato e provavelmente mais afeto. Perguntamos para a mãe da aluna se realmente a avó havia falecido e ela confirmou.

A história também prendeu a atenção do Bernardo, fazendo com que ele se identificasse com a personagem, pois, como ele mesmo disse, também havia perdido um amigo, fazendo com que eles tivessem algo em comum. Dessa maneira, talvez, o aluno conseguisse encontrar uma solução para a situação que precisou enfrentar.

Os demais alunos, também tiveram a oportunidade de expressar o que sentiram e ainda sentiam com a perda de alguém importante para eles. Todos apresentaram seus desenhos e a pesquisadora ficou bastante comovida com o que as crianças retrataram. Alguns desenhos chamaram a atenção, como o de uma

aluna que desenhou um hotel e duas pessoas; ao explicar, ela disse que aquele era o hotel onde o pai ficava quando brigava com a mãe, e todas as vezes que isso acontecia ela preferia ir junto com o pai; contou também que o pai havia morrido na frente dela.

O desenho do Bernardo também foi um dos que prendeu a atenção: ele disse que havia desenhado o amigo que também se chamava Bernardo e que havia falecido há pouco tempo. No desenho, o amigo estava usando um boné (Bernardo informou que era seu costume) e uma camisa preta da seleção brasileira. Ao lado, ele desenhou a si mesmo com o cabelo bagunçado, contou que o amigo, toda vez que o via, passava a mão na cabeça dele bagunçando todo o cabelo. Foi possível notar o quanto Bernardo se envolveu com essa atividade. O aluno retratou com detalhes o hábito do amigo de usar boné, a camisa da seleção brasileira que usava no dia do acidente e o cabelo que o amigo sempre bagunçava.

Proporcionar momentos de interação entre os alunos também pode nos auxiliar durante o percurso do processo inclusivo. Situações simples como a organização da sala pode ser aproveitado com o intuito de que os alunos possam interagir. Antes da leitura da história “João e o pé de feijão” os alunos pediram que eu pegasse os tapetes que a escola disponibilizava para que eles pudessem sentar no chão no momento da leitura da narrativa. Com a ajuda dos alunos, afastamos todas as cadeiras e espalhamos os tapetes na sala. Alice passava maior parte do tempo sentada, porém, ela participou na arrumação da sala, ajudando a afastar as cadeiras e espalhando os tapetes no chão.

Quando finalizamos a aula o aluno Bernardo pediu para que o acompanhasse até a biblioteca. Chegando lá, ele passeou por várias prateleiras, folheando atentamente alguns livros que lhe chamaram atenção, principalmente os mais ilustrados. Entre os livros “explorados” estava “O patinho feio”. O aluno perguntou se eu conhecia essa narrativa e eu respondi que sim, disse também que poderia levar a história para a sala de aula na semana seguinte.

Em nossas atividades, a conversa informal/roda de conversas estava sempre presente, pois a mesma proporcionava aos alunos expor os seus conhecimentos prévios bem como expor suas opiniões. Quando levamos para a sala de aula narrativas como “João e o pé de feijão”, “Chapeuzinho Vermelho”, “o patinho feio”, entre outros, os alunos não sentiram nenhum receio, afinal, são histórias muito

conhecidas. Encontramos assim, uma maneira de poder trabalhar a história fazendo relação com o dia a dia do aluno.

Até mesmo uma festinha pode ser uma ferramenta nesse processo de interação. Como podemos notar na festa em comemoração à Páscoa. Terminadas as apresentações das turmas, no pátio da escola, os professores se dirigiram com os alunos para as salas a fim de organizarem a festinha em comemoração a Páscoa. A princípio, Alice não quis participar das brincadeiras, enquanto Bernardo participou de todas: cantou, dançou, participou do desfile, enfim. Bernardo sempre participava das atividades, principalmente as que ele podia chamar a atenção para si, como foi o caso da festinha.

Na aula seguinte, a professora contou, com a ajuda de alguns dos alunos que Alice meio que “de repente” levantou-se e começou a falar da festinha que fizeram na APAE, falou também que teve bolo e refrigerante. A professora disse que ela passou uns 15 minutos falando como foi a festinha da APAE, não dava pra entender com exatidão o que falava, mas, de acordo com os gestos que ela fazia dava para assimilar. O pai da aluna estava presente, assim como os responsáveis por outras crianças, todos ficaram atentos. Ao final, alguns comentaram sobre o comportamento dos outros alunos em relação a Alice, pois todos ficaram encantados.

Diferente de Bernardo, Alice tinha receio de participar da maioria das atividades na qual ela precisava ficar diante dos demais alunos, mas foi surpreendente o relato da professora ao dizer que a aluna falou diante de todos como foi a festinha na APAE. O respeito dos demais colegas em relação a Alice também foi algo que surpreendeu pois isso vinha sendo trabalhado sempre que surgia oportunidade. No início, sempre que Bernardo fazia ou falava alguma coisa, os outros alunos ficavam sorrindo, deixando-o intimidado, percebendo isso, chamamos a atenção para essa questão e isso fez com que tanto Bernardo quanto Alice sentissem mais confiança diante dos colegas.

A respeito disso, Abramovich (2009) nos diz que os mais diversos tipos de medos estão presentes no dia a dia de todos

Medo do escuro, de injeção, de cachorro, lobisomem, de ladrão...
Medo de dentista, de ser reprovado na escola, de levar cascudo, de encontrar um vampiro ou ter que enfrentar a polícia... Temores reais ou imaginários relacionados à escola, temor dos mais fortes, dos que agem

nas sombras ou a descoberto, das punições da Igreja, do grupo, do próprio ridículo... Medos com os quais todos convivem, dum jeito ou de outro, numa intensidade ou noutra, que se aprende a enfrentar, a desviar, a superar, a substituir, com os quais se aprende a conviver ou a lidar (Abramovich 2009, p. 92).

Esse comportamento passou a ter reações positivas, refletindo no desenvolvimento tanto emocional e social quanto no cognitivo de toda a turma. A história “Chapeuzinho vermelho” foi apresentada por meio de um teatro. Durante a escolha dos personagens, Bernardo se ofereceu para ser o lobo mau. Selecionamos os outros personagens e os alunos que não quiseram participar da encenação, ajudaram os colegas na organização. Alice não quis participar do teatro, assim, ficou junto aos demais alunos responsáveis pela organização. Dessa maneira, todos puderam participar. Foi uma das atividades na qual Alice mais se sentiu à vontade para participar, sem que fosse preciso insistir muito.

Essas atividades, desenvolvidas durante as aulas, mostraram a importância de se usar a literatura infantil para acessar aspectos emocionais da criança e possibilitar o início de interações que podem enriquecer o processo inclusivo. Sentimentos como perda (mobilizados pela exploração do motivo das faltas de Bernardo às aulas), o desejo de arrumar-se (trazidos pelo desenho de Alice acerca dos acessórios das princesas), a superação do medo de falar das próprias dores (trazidos pelos desenhos ligados a morte, separação, abandono), criaram uma relação mais rica entre os alunos e com a professora.

O momento de “distração” que a literatura infantil proporcionou foi demasiadamente produtivo. No que diz respeito aos aspectos cognitivos, podemos destacar o progresso na linguagem oral e escrita, bem como na interpretação dos sentidos, notório nos momentos de socialização das histórias. Essa melhoria no campo cognitivo influenciou de maneira direta e indiretamente no processo inclusivo, pois favorece a “aceitação” dos indivíduos erroneamente excluídos.

CONCLUSÕES

As atividades de intervenção na sala de aula, introduzindo a literatura infantil, mostraram-se fundamentais no processo de mobilização emocional dos alunos, e fazendo-os interagir em torno das temáticas, e assim, tomando maior consciência das experiências que tinham em comum. Esse tipo de mobilização não é realizada pela simples exposição dos conteúdos e pelas tarefas em torno deles, os quais tendem a ser feitas de forma individualizada. Já as histórias, como dizia Abramovich (2009), lidam com os sentimentos de perda, os abandonos, os temores, assim como dos desejos e fantasias. Trazer esses sentimentos à tona, nas atividades realizadas, possibilitou que nossos dois alunos estabelecessem relações mais próximas com os colegas e a professora, assim como maior conexão emocional entre a turma como um todo. Trazendo elementos para a formação identitária, como disse Bettelheim (*apud* CRISTÓFANO, 2004), as histórias permitem que apareçam aspectos de cada aluno que eram desconhecidos pelos outros, humanizando-os no imaginário deles próprios e da professora.

Estar inserido nesse contexto do fantástico permite à criança se envolver com o propósito de trazer para sua realidade os aspectos da literatura infantil fazendo com que se vejam como personagem da história. Acredita-se que a literatura infantil permite às crianças se reconhecerem não como sendo os personagens que vivenciam dificuldades ou alegrias, na qual os acontecimentos descritos na narrativa representam a condição humana diante das dificuldades da vida. Acredita-se que as crianças encontram nos contos de fadas um auxílio, uma melhor maneira de viver.

Se tratando da educação de crianças com deficiência, Vigotski (1997) salienta que a educação especial precisa abrir mão de sua natureza especial e somente assim passará a fazer parte do trabalho educativo comum. O autor também pontua que não existe distinção entre a perspectiva educacional de uma criança com deficiência e de uma criança sem deficiência. Desse modo, faz-se necessário somente que o professor adote uma metodologia com capacidade de abranger as duas especificidades, favorecendo assim o processo de inclusão.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*, São Paulo: Scipione, 2009.

ADIRON, Fábio. Disponível em <http://www.bengalalegal.com/down>> Acesso em 28 jan. 2015.

ANETTE, Bley. *E o que vem depois de mil?* Tradução de Karsten Martin Haetinger. São Paulo: Berlendis&Vertecchia, 2009.

BRASIL.Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Marcos político-legais da educação especial na perspectiva da educação inclusiva*. Brasília: MEC/SEESP, 2010.

COARACY. Joana. O planejamento como processo. Revista Educação. 4º Ed., Brasília. 1972.

COELHO, Nelly Novaes. O conto de fadas:símbolos mitos arquétipos. 2.ed. São Paulo: Ática, 1991. ERNST-PEREIRA, Aracy. (Re) inventando contos de fadas:um estudo sobre o fenômeno da exclusão - (Anpoll – GT – Análise do discurso). Disponível em: http://www.geocities.com/gt_ad/analisedodiscensino.html. Acesso em: 25 de mar. 2014.

CRISTÓFANO, Sirlene Maria. a integração de crianças com necessidades especiais por meio da literatura infantil. *InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em educação*. Campo Grande, MS, v. 16, n.32, p.115-128, jul./dez.2010. <Disponível em: <http://www.intermeio.ufms.br/revistas/32/32%20Artigo_08.pdf> Acesso em 05 mar. 2014.

DINIZ, Débora. O que é deficiência. São Paulo: Brasiliense, 2007.

GRIMM. *Abela adormecida* Disponível em http://br.hellokids.com/c_26878/leia/contos-para-criancas/contosclassicos/contos-de-fadas-dos-irmaos-grimm/a-bela-adormecida> Acesso em 23 mar.2014.

LEITE, Leonardo. <http://www.ghente.org/ciencia/genetica/down.htm>> acesso em28 jan. 2015.

LIBÂNEO, José Carlos. Organização e Gestão da Escola – Teoria e Prática. 3º ed.- Goiânia, GO: Alternativa, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. Adeus Professor, Adeus Professora? Novas exigências educacionais Educação escolar: políticas, estrutura e organização. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARTHA, Alice Áurea Penteado. Qualidade na literatura infantil e juvenil: como reconhecer na prática da leitura? In: OLIVEIRA, Ieda (org.). *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil: com a palavra o educador*. 1ed. São Paulo: Editora DCL, 2011, v. 1, p. 47-65.

MENDES, Enicéia Gonçalves, “Breve histórico da educação especial no Brasil”, *Revista Educación y Pedagogía*, Medellín, Universidad de Antioquia, Facultad de Educación, vol. 22, núm. 57, mayo-agosto, 2010, p. 93-109.

PERRAULT, Charles. *Contos de fadas*. Tradução de Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

SCHMID, Carolina Salvador . *O direito à educação inclusiva da criança com deficiência intelectual sob a ótica do direito da antidiscriminação* .[manuscrito] / Carolina Salvador Schmid. - 2011.

88 f.

Anexos

Anexo A

Trecho da atividade	Emoções mobilizadas	Análise conforme os autores
<p>Momento da ilustração da história “A gata borralheira”</p> <p>Perguntada sobre o que tinha desenhado, a aluna disse que desenhou brincos, vestidos e shorts. A história lida fala do momento em que as irmãs da Gata Borralheira se arrumam para irem ao baile do príncipe, escolhendo cada uma os seus melhores vestidos.</p>	<p>A aluna é bastante vaidosa, desse modo, o momento da história que lhe chamou mais atenção é quando as irmãs começam a se arrumar para o baile, escolhendo os melhores vestidos e acessórios.</p>	<p>Vigotski (1997) traz a <i>compensação social</i> como metodologia da educação social que priorizava a introdução da pessoa com deficiência “nos diferentes espaços de atividade do cotidiano”.</p> <p>A problemática da deficiência abandona a ordem orgânica e passa a pertencer ao campo educacional detendo-se “nos processos sociais de desenvolvimento e de formação da personalidade”. Isso significa dizer que devemos voltar nosso olhar não somente para o defeito e sim para a pessoa como um todo.</p>
<p>História “E o que vem depois de mil?”</p> <p>Na aula do dia 08/04 cada aluno fez uma ilustração, abordando algo que os fizessem lembrar o que haviam dito na roda de conversas do dia anterior para depois explicarem aos colegas o que haviam desenhado e o motivo de terem feito tal escolha. Ao fazer o desenho, na qual havia sido solicitado a Alice que desenhasse alguém</p>	<p>Ao olhar para o desenho de Alice, a professora da turma informou que as pessoas desenhadas (a mãe, o pai, o irmão, a avó) e o cachorro Valente, eram os parentes na qual ela tinha mais contato e provavelmente mais afeto. Perguntamos para a mãe da aluna se realmente a avó havia falecido e ela confirmou.</p>	<p>Ao definir o conceito de aprendizado Vigotski abre nossos olhos para uma das práticas recorrentes nas escolas e adotadas pela maioria dos professores: a primazia pelo aprendizado cognitivo</p>

<p>que já havia falecido da família dela ou até mesmo amigos, ela fez vários desenhos parecidos, porém em tamanhos diferentes, esses desenhos retratavam pessoas da família dela, a mãe, o pai, o irmão, a avó e o cachorro chamado Valente. Indagada se alguém daquele quadro já havia falecido, ela disse que somente a avó;</p>		
<p>A história também chamou a atenção do aluno Bernardo, fazendo com que ele se identificasse com a personagem, pois, como ele mesmo disse, também havia perdido um amigo;</p>	<p>O aluno entrou em contato com uma personagem que assim como ele também perdeu um amigo, fazendo com que eles tivessem algo em comum. Dessa maneira, talvez, o aluno conseguisse encontrar uma solução para a situação que precisou enfrentar.</p>	
<p>Todos apresentaram seus desenhos e a pesquisadora ficou bastante comovida com o que as crianças retrataram. Alguns desenhos chamaram a atenção, como o de uma aluna que desenhou um hotel e duas pessoas; ao explicar, ela disse que aquele era o hotel onde o pai ficava quando brigava com a mãe, e todas as vezes que isso acontecia ela preferia ir junto com o pai; contou também que o pai havia</p>	<p>Os demais alunos, também tiveram a oportunidade de expressar o que sentiram e ainda sentiam com a perda de alguém importante para eles.</p>	

<p>morrido na frente dela;</p>		
<p>O desenho do Bernardo também foi um dos que prendeu a atenção: ele disse que havia desenhado o amigo que também se chamava Bernardo e que havia falecido há pouco tempo. No desenho, o amigo estava usando um boné (Bernardo informou que era seu costume) e uma camisa preta da seleção brasileira. E ao lado, ele desenhou a si mesmo com o cabelo bagunçado; contou que o amigo, toda vez que o via, passava a mão na cabeça dele bagunçando todo o cabelo.</p>	<p>Foi possível notar o quanto Bernardo se envolveu com essa atividade. O aluno retratou com detalhes o hábito do amigo de usar boné, a camisa da seleção brasileira que usava no dia do acidente e o cabelo que o amigo sempre bagunçava.</p>	
<p>Apresentação no pátio para comemoração da Páscoa</p> <p>Terminadas as apresentações das turmas, os professores se dirigiram com os alunos para as salas a fim de organizarem a festinha em comemoração a Páscoa.</p> <p>Alice não quis participar das brincadeiras, enquanto Bernardo participou de todas. Cantou, dançou, participou do desfile, enfim.</p>	<p>Bernardo sempre participava das atividades, principalmente as que ele podia chamar a atenção para si, como foi o caso da festinha onde ele dançou, cantou...</p>	

<p>Na aula seguinte, a professora contou, com a ajuda de alguns dos alunos que Alice meio que “de repente” levantou-se e começou a falar da festinha que fizeram na APAE, falou também que teve bolo e refrigerante. A professora disse que ela passou uns 15 minutos falando como foi a festinha da APAE, não dava pra entender com exatidão o que ela falava, mas, de acordo com os gestos que ela fazia dava para assimilar. O pai da aluna estava presente, assim como os responsáveis por outras crianças, todos ficaram bastante atentos. No final, alguns comentaram sobre o comportamento dos outros alunos em relação a Alice, pois todos ficaram encantados.</p>	<p>Diferente de Bernardo, Alice tinha receio de participar da maioria das atividades na qual ela precisava ficar diante dos demais alunos, mas foi surpreendente o relato da professora ao dizer que a aluna falou diante de todos como foi a festinha na APAE. O respeito dos demais colegas em relação a Alice também foi algo que surpreendeu pois isso vinha sendo trabalhado sempre que surgia oportunidade. No início, sempre que Bernardo fazia ou falava alguma coisa, os outros alunos ficavam sorrindo, deixando-o intimidado, percebendo isso, a professora da turma e eu, chamamos a atenção para essa questão e isso fez com que tanto Bernardo quanto Alice sentissem mais confiança diante dos colegas.</p>	
<p>História Chapeuzinho Vermelho</p> <p>Durante a escolha dos personagens, Bernardo se ofereceu para ser o lobo mau. Selecionamos os outros personagens e os alunos que não quiseram participar da encenação, ajudaram os colegas na organização. Alice não quis participar do teatro, assim, ficou junto aos demais alunos responsáveis pela</p>	<p>Dessa maneira, todos puderam participar.</p> <p>Foi uma das atividades na qual Alice mais se sentiu à vontade para participar, sem que fosse preciso insistir muito.</p>	

<p>organização. Foi possível notar que ela se sentiu a vontade.</p>		
<p>História “João e o pé de feijão”</p> <p>Os alunos pediram que eu pegasse os tapetes que a escola disponibilizava para que eles pudessem sentar no chão no momento da leitura da narrativa. Com a ajuda dos alunos, afastamos todas as cadeiras e espalhamos os tapetes na sala.</p>	<p>Situações simples como a organização da sala pode ser aproveitado com o intuito de que os alunos possam interagir. Alice passava maior parte do tempo sentada, porém, ela participou na arrumação da sala, ajudando a afastar as cadeiras e espalhando os tapetes no chão.</p>	<p>Abramovich (2009) nos diz que os mais diversos tipos de medos estão presentes no dia a dia de todos “medo do escuro, de injeção, de cachorro, lobisomem, de ladrão... Medo de dentista, de ser reprovado na escola, de levar cascudo, de encontrar um vampiro ou ter que enfrentar a polícia... Temores reais ou imaginários relacionados à escola, temor dos mais fortes, dos que agem nas sombras ou a descoberto, das punições da Igreja, do grupo, do próprio ridículo... Medos com os quais todos convivem, dum jeito ou de outro, numa intensidade ou noutra, que se aprende a enfrentar, a desviar, a superar, a substituir, com os quais se aprende a conviver ou a lidar”.</p>
<p>Quando finalizamos a aula o aluno Bernardo pediu para que o acompanhasse até a biblioteca. Chegando lá, ele passeou por várias prateleiras, folheando atentamente alguns livros que lhe chamaram atenção, principalmente os mais ilustrados. Entre os livros “explorados” estava “O patinho feio”. O aluno perguntou se eu</p>		

conhecia essa narrativa e eu respondi que sim, disse também que poderia levar a história para a sala de aula na semana seguinte.		
--	--	--

Escola: E.M.E.F. Jonathas Pontes Athias

Série: 4º ano “A”

Turno: Matutino

Data: 25 e 26/03/14.

Gênero textual: Contos de fadas

Obs.: Início da pesquisa

Planejamento das aulas

Data: 25 e 26/03/14.

Duração: 04 aulas

História: “A Bela adormecida”

Objetivos

Geral

Despertar nos alunos o gosto pela leitura por meio do contato com os contos tradicionais facilitando o processo inclusivo.

Específicos

- Incitar o interesse pela leitura propiciando o acesso aos contos de fadas clássicos;
- Acentuar a imaginação e criatividade dos discentes por meio das atividades de retextualização;
- Proporcionar momentos de interação onde haja oportunidade para que aconteça de fato o processo inclusivo.

Metodologia

O desenvolvimento das aulas dar-se-á inicialmente com uma conversa informal para que os alunos exponham as histórias que conhecem da Bela Adormecida. Em seguida, iniciarei a leitura para que logo depois eles possam fazer a retextualização, no quadro negro. Um aluno começa a escrever a história, outro aluno dá continuidade. Para finalizar a aula do dia 25/03, os discentes irão copiar para o caderno a versão da história da Bela Adormecida criada por eles.

Iniciarei a aula do dia 26/03, lembrando com os alunos a história lida na aula anterior. Dando continuidade, eles farão a ilustração da narrativa.

Para finalizar, faremos uma breve conversa para que eles possam sugerir a metodologia que será adotada na próxima aula.

Planejamento diário

25/03 (02 aulas)

- Conversa informal com os alunos para que possam expor seus conhecimentos prévios no que diz respeito ao conto “A Bela Adormecida”, dos irmãos Grimm;
- Leitura do conto em questão;
- Pedir aos alunos que recontem a história oralmente;

- Instigar os alunos a fazerem, no quadro, a retextualização do conto lido;
- Ao término da retextualização, solicitar aos discentes que copiem no caderno.

Obs.: A aluna Alice (síndrome de Down) não compareceu à aula. O Bernardo (deficiência intelectual), não faltou, porém ficou disperso no momento da leitura do conto e durante a retextualização feita no quadro. Mesmo não detendo a atenção à leitura, o aluno, em momento algum se mostrou incomodado. Ele não quis participar da atividade no quadro, mas não se negou a fazer a ilustração do conto. Durante essa atividade, eu sentei ao lado do Bernardo e ele, de maneira espontânea, disse que antes de vir morar em Marabá, havia morado em Tucuruí e que gostava muito de lá. Ao terminar a ilustração, eu pedi para que ele explicasse, havia desenhado uma casa com pessoas dentro, e duas ruas, sendo que uma delas tinha o nome de São Léo.

A turma é bastante participativa. Demonstraram bastante interesse em participar das atividades. Duas alunas perguntaram se podiam criar a própria história ao invés de copiarem a que tinha sido feita no quadro.

Não tive problemas em relação ao comportamento da turma.

26/03 (02 aulas)

- Relembrar com os alunos a história “A Bela Adormecida”;
- Para finalizar, dizer aos alunos que façam a ilustração do conto;
- Breve conversa para que os alunos possam opinar na metodologia da próxima aula.

Obs.: Novamente a Alice não compareceu à aula. O Bernardo não faltou, porém, se negou a ficar dentro da sala e participar das atividades. Disse que queria ir embora, que não gostava de pessoas do Japão e por esse motivo ele não gostava de mim. A professora titular tentou convencê-lo de voltar para a sala de aula, no entanto ele alegou não gostar da escola, disse também que não gostava da professora, que no caso era a professora titular, por isso, queria ir embora. A professora o levou para a sala da coordenação, para que pudessem conversar com ele. Ele estava muito nervoso e chorava bastante por não terem o deixado ir para

casa. A coordenação entrou em contato com a família e pediu que os responsáveis pelo aluno comparecessem à escola para que pudessem conversar.

Os demais alunos desenvolveram a atividade com êxito. Mais uma vez se mostraram bastante participativos, no momento da retomada da história. Lembraram com riqueza de detalhes a narrativa em questão. No momento da ilustração ficaram bastante empolgados, trazendo para o desenho detalhes como o castelo rodeado de espinhos, o reino adormecendo junto com a princesa, entre outros.

Durante a conversa na qual eles opinariam no desenvolvimento das aulas da semana seguinte, eles sugeriram que fizéssemos uma visita à biblioteca para que pudessem fazer um momento de leitura.

Data: 30/03 a 01/04/14

Duração: 06 aulas

História: “A Gata Borralheira”;

Metodologia

Começarei a aula do dia 31/03 indagando se os alunos conhecem a história da “Gata Borralheira”. Na sequência explicarei a eles que essa história também é conhecida como “Cinderela”.

Dando continuidade, farei a leitura da história “A Gata Borralheira” para que depois eles façam a retextualização no caderno.

Na aula seguinte (01/04), os alunos darão continuidade à atividade da aula anterior, ao terminarem, farão a ilustração do conto.

Foi sugerido pelos alunos na aula do dia 26/04 que incluísse no planejamento uma visita à biblioteca, desse modo, no dia 02/04, eu irei cedo à

escola com a finalidade de selecionar os livros que os alunos farão a leitura em grupos.

Ao iniciar a aula, eles se dividirão em grupos, misturando os alunos que sabem ler junto aos que não sabem ainda. Em seguida, cada grupo contará a história lida para toda turma.

Planejamento diário

31/03 (02 aulas)

- Conversa informal com os alunos para que possam expor seus conhecimentos prévios no que diz respeito à narrativa “A gata Borracheira”;
- Leitura do conto em questão;
- Pedir aos alunos que recontem a história oralmente;
- Solicitar aos alunos que façam a retextualização do conto no caderno;
- Dizer aos alunos que façam a ilustração da narrativa.

Obs¹.: Ir à biblioteca, verificar como se dá o acesso das crianças à mesma. Caso possível, selecionar alguns livros para que as crianças possam ler.

Obs². : Nesse dia só quem foi para a escola foi a Alice, a professora titular disse que depois do dia 26/03 o Bernardo não mais foi para a aula. Ela me disse também que é muito comum a Alice faltar, pois ela tem a saúde muito debilitada e até mesmo as mudanças climáticas a prejudicam. Disse também que a mãe da aluna é super protetora e acredita que isso impeça o desenvolvimento da mesma. A Alice tem 14 anos e é aluna da APAE há 12 anos, no entanto, a mãe não sabe o que impede ela de desenvolver suas habilidades como coordenação motora, escrita, conhecimento do alfabeto, etc. No que diz respeito à aula, a Alice ficou dispersa no momento em que eu fiz a leitura da história da “Gata Borracheira”, desse modo, eu sentei ao lado dela e contei novamente a história a fim de que ela se interessasse, porém, acredito que não tenha adiantado muita coisa. Terminado a leitura, dei a ela

uma folha para que pudesse fazer a ilustração da história. Ela riscou bastante toda a folha, de cores diferentes. Perguntei a ela o que tinha desenhado, a aluna disse que desenhou brincos, vestidos e shorts. A história lida fala do momento em que as irmãs da gata borralheira se arrumam para irem ao baile do príncipe, nisso elas se arrumam todas, escolhendo cada uma os seus melhores vestidos. Fazendo uma análise muito superficial, acredito que ela tenha tentado fazer a ilustração desse momento.

01/04 (02 aulas)

- Os alunos terminarão a retextualização da história da Gata Borralheira junto com a ilustração do conto.

Obs.: A irmã do Bernardo veio à escola, como foi solicitado pela coordenação, ele, porém, não queria entrar na sala, a irmã o chamava de bebê, de neném, tentando convencê-lo, mas, quando ela ia se aproximar ele virava as costas. A irmã, depois de a professora ter perguntado, disse que na semana passada ele faltou às aulas porque não estava interessado em ir à escola. E na segunda-feira, ele faltou porque havia morrido um amigo dele, deixando-o muito abalado. Depois de muita insistência o aluno resolveu entrar na sala, a professora foi conversar com ele, indagando os motivos dele ter faltado às aulas anteriores, o aluno contou com detalhes que tinha faltado na segunda-feira porque o amigo havia falecido de acidente de carro quando estava indo/vindo da AABB, disse também que o outro rapaz que estava no carro havia bebido por isso aconteceu o acidente. Na semana passada, segundo ele, faltou às aulas para empinar pipa. A professora perguntou porque ele não gostava de pessoas do Japão e ele disse que é pelo fato de que eles irão jogar contra o Brasil na Copa do Mundo. Em seguida, fui conversar com ele, e ele contou a mesma história do amigo que havia falecido, me contou também que chorou muito durante o velório, pois havia uma foto do amigo em cima do caixão.

02/04 (02 aulas)

- Selecionar livros para que eles façam a leitura em grupo;
- Ida à biblioteca;

- Conversa informal, com o intuito de que seja escolhido o desenvolvimento das aulas da semana seguinte.

Obs.:Hoje, tanto a Alice quanto o Bernardo vieram para a aula. Os dois ficaram em grupos separados. No momento da leitura em grupos, eles ficaram novamente dispersos, porém, no momento em que eu estava lendo o livro que eu havia pego na biblioteca, o Bernardo ficou atento, prestando atenção no que eu estava falando. Ele pediu para que deixasse ele fazer um desenho no quadro, com o meu consentimento, pegou o giz e fez o desenho de uma pessoa, terminando o desenho, me chamou e disse que havia me desenhado, em baixo do desenho, havia algumas letras feitas por ele, percebi que ele tentou escrever a palavra Japão e Copa. Alice não se interessou pelos livros que haviam sido selecionados na biblioteca, porém, pegou um dos livros de história infantil que uma aluna havia levado, e começou a folhear. Não ouvi comentar nada no momento em que estava folheando o livro. Durante a roda de conversa, antes de finalizar a aula, os alunos pediram que eu deixasse um tempinho da próxima aula para que eles pudessem brincar.

Data:06 a 08/04/2014.

Duração: 06 aulas

História: “E o que vem depois de mil?”, de AnetteBley.

Metodologia

Iniciarei aaulado dia 06/04fazendo um breve resumo do que se trata a história, porém, deixando os alunos curiosos de como se dará o desfecho da história entre o idoso e sua amiguinha. Depois, farei a leitura do livro. Em seguida iniciaremos uma roda de conversas para que cada aluno diga se já perdeu algum ente querido, seja ele amigo, parente ou até mesmo um animal de estimação.

Na aula do dia 07/04 cada aluno irá fazer uma ilustração, abordando algo que fizessem eles lembrarem o que haviam dito anteriormente para depois explicarem na frente dos colegas o que desenhou e o motivo de ter feito tal escolha. Finalizaremos a aula com uma brincadeira.

No dia seguinte (08/04), com a ajuda de todos da turma, confeccionaremos um mural com a finalidade de expor todas as atividades elaboradas. A cada semana, será escolhido a atividade de um aluno para ser fixada no mural.

Planejamento diário

06/04 (02 aulas)

- Fazerum resumo da história “E o que vem depois de mil”;
- Leitura do livroem questão;
- Roda de conversa com os alunos para que cada um possa falar das perdas que já vivenciaram;

Obs.: O comportamento do Bernardo em relação à morte do amigo me fez perceber que seria bastante produtivo trabalhar com os alunos algum livro que abordasse essa temática. No entanto, o Bernardo não compareceu à aula, somente a Alice.

No momento da leitura, em alguns momentos, a aluna ficou dispersa, também não quis falar nada durante a roda de conversa. Ao fazer o desenho, na qual eu havia solicitado a ela que desenhasse alguém que já havia falecido da família dela ou até mesmo amigos, ela fez vários desenhos parecidos, porém em tamanhos diferentes, esses desenhos retratavam pessoas da família dela, a mãe, o pai, o irmão, a avó e o cachorro chamado Valente. Indaguei se alguma das pessoas que ela havia desenhado já havia falecido e ela disse que somente a avó. Esses

desenhos chamaram minha atenção, pois eles tinham formas, diferentes das outras ilustrações que ela somente riscava.

07/04 (02 aulas)

- Ilustração abordando algo que fizesse eles lembrarem as pessoas ou os animais que já haviam falecidos fazendo com que eles sentissem muitas saudades.
- Explicarem na frente dos colegas o que desenhou e o motivo de terem feito tais escolhas.
- Brincadeira para finalizar a aula.

Obs.:Hoje a Alice faltou. O Bernardo compareceu à aula. Pedi aos outros alunos que iniciassem a ilustração enquanto eu fazia a leitura da história para o Bernardo. A história chamou bastante a atenção do aluno, fazendo com que ele se identificasse com a personagem, pois, como ele mesmo disse, também havia perdido um amigo.

Terminado a leitura da história, ele pediu o livro para que pudesse folhear. Ao terminar, entreguei a ele uma folha para que pudesse fazer o desenho que seria apresentado posteriormente para toda a turma.

No momento da apresentação, os primeiros ficaram com bastante receio, porém, os outros foram gostando da ideia e acabaram se soltando.

Todos apresentaram e de modo particular eu fiquei bastante comovida com o que as crianças retrataram. Tiveram alguns desenhos que chamaram minha atenção, como o de uma aluna que desenhou um hotel e duas pessoas, ao explicar, ela disse que aquele era o hotel onde o pai ficava quando brigava com a mãe, e todas as vezes que isso acontecia ela preferia ir junto com o pai, o mesmo havia morrido na frente da aluna. Outra aluna desenhou uma criança dentro de um berço, ao explicar disse que era a irmã que havia falecido quando era bebê. Um dos alunos chegou a chorar ao falar da avó que havia falecido, no desenho ele retratou o lugar onde a avó morava antes do ocorrido.

O desenho do Bernardo também foi um dos que prendeu a minha atenção. No momento da explicação ele disse que havia desenhado o amigo que

também se chamava Bernardo e que havia falecido há pouco tempo. No desenho, o amigo estava usando um boné, como de costume e uma camisa preta da seleção brasileira. E ao lado ele se desenhou com o cabelo bagunçado, pois o amigo, toda vez que o via passava a mão na cabeça dele bagunçando todo o seu cabelo.

Faltando 20 minutos para terminar a aula nós começamos a brincar de telefone sem fio, fizemos umas três rodadas e antes de finalizarmos essa brincadeira e iniciarmos a brincadeira da força (opção deles) eu falei a eles que a finalidade da brincadeira anterior era mostrar como se dá o processo de comunicação.

08/04 (02 aulas)

- Confecção do mural com a ajuda de todos os alunos.

Obs.: Todos os alunos ajudaram a confeccionar o mural. Enquanto uns me ajudavam a colar o TNT na parede, outros ajudavam a professora titular a cortar o TNT que seria utilizado para enfeitar as laterais do mural, outros enfeitavam as cartolinas que seriam utilizadas para colar as atividades selecionadas, recortaram também as letras que seriam coladas no mural, enfim, de uma maneira ou de outra, todos participaram.

A Alice e o Bernardo me ajudaram a cortar e colar o TNT que seria utilizado no mural.

Por escolha dos alunos, o mural recebeu o nome de “Mural de atividades”. Ficou muito bonito, e os alunos ficaram empolgadíssimos com a elaboração do mesmo.

Para finalizar, sorteio para escolha da história a ser trabalhada nas aulas da semana seguinte.

Data: 13 a 15/04/14.

Duração: 06 aulas

Filme: “A origem dos guardiões”

Metodologia

Na aula do dia 13/04 os alunos assistirão na sala de vídeo o filme “A origem dos guardiões”.

Na aula seguinte, 14/04, iniciaremos uma conversa para que os alunos possam expor as suas opiniões a respeito do filme. A escolha desse filme, deu-se pelo fato de que ele traz alguns personagens de histórias infantis como a Fada dos Dentes, Norte (Papai Noel), o guardião dos sonhos, Breu (o Bicho Papão), o Coelho (Coelho da Páscoa) que vive em guerra com o Papai Noel, pois o mesmo o provoca dizendo que o Natal é mais importante que a Páscoa e Jack Frost que possui poderes climáticos. Utilizarei esse filme como gancho para poder introduzir a conversa sobre a Páscoa. Em seguida, selecionarei os alunos que irão ensaiar para a culminância que será no dia 16/04 com todas as turmas do ensino infantil.

Os alunos apresentarão uma música gospel e um teatro que traga a Páscoa como tema.

No dia 15/04 acontecerá as apresentações e em seguida terá uma festinha organizada dentro das salas.

Planejamento diário

13/04 (02 aulas)

- Filme na sala de vídeo;

Obs.: Tanto a Alice quanto o Bernardo vieram para a escola. Os alunos gostaram muito do filme, porém, não tivemos tempo de conversarmos a respeito, pois já havia extrapolado o horário.

14/04 (02 aulas)

- Conversa sobre o filme;
- Introdução do tema da Páscoa;
- Ensaio da música e do teatro.

Obs.: Hoje, a Alice faltou. O Bernardo, como de costume, chegou um atrasado. Quando ele chegou, nós já estávamos conversando sobre os personagens do filme. Para introduzir o Bernardo na conversa, perguntei a ele se havia gostado do filme e ele respondeu que sim, disse também que de todos os personagens o Jack Frost foi o que ele mais gostou, pois ele tem o poder de fazer tobogãs de gelo onde as crianças podem escorregar (descreveu uma das cenas). Os alunos abordaram as características dos personagens que mais chamaram a atenção deles, como o Breu (Bicho Papão), que segundo eles, é o único personagem malvado; o Jack Frost é um garoto sapeca, mas no final, conseguiu fazer com que as crianças continuassem acreditando nos guardiões e o Coelho que era muito sério, ficou fofinho e pequenininho porque as crianças deixaram de acreditar que ele existia, pois na Páscoa ele não conseguiu entregar os ovos de chocolate.

Falando da Páscoa, trabalhamos com os alunos alguns símbolos da Páscoa.

15/04 (02 aulas)

- Apresentações no pátio da escola;
- Festinha nas salas de aula.

Obs.: As apresentações no pátio da escola se deram por ordem das séries, iniciando pelo primeiro ano do primeiro ciclo. Todas as apresentações abordavam o tema da Páscoa. Durante a apresentação do 4º A, os alunos ficaram muito nervosos

principalmente os que participariam da dramatização. No entanto, o nervosismo não impediu que eles terminassem as apresentações de maneira exitosa.

Terminadas as apresentações das turmas, os professores se dirigiram com os alunos para as salas a fim de organizarem as salas para a festinha em comemoração a Páscoa.

Cada aluno colaborou com a festinha, uns levaram refrigerantes, brigadeiros, pipocas, salgadinhos e o Bernardo levou um bolo.

De todos os alunos, somente a Alice não quis participar das brincadeiras. O Bernardo quis participar de todas. Cantou, dançou, participou do desfile, enfim.

No momento em que os pais começaram a chegar para levar seus filhos, eu fui embora também. No dia seguinte, a professora me contou, com a ajuda de alguns dos alunos que a Alice meio que “de repente” levantou-se e começou a falar da festinha que fizeram na APAE, falou também que teve bolo e refrigerante. A professora disse que ela passou uns 15 minutos falando como foi a festinha da APAE, não dava pra entender com exatidão o que ela falava, mas, de acordo com os gestos que ela fazia dava para assimilar. O pai da Alice estava presente, assim como os responsáveis por outras crianças, todos ficaram bastante atentos. No o final, alguns comentaram sobre o comportamento dos outros alunos em relação a Alice, pois todos ficaram encantados.

Data:20 a 22/04

Duração: 06 aulas

História: “Chapeuzinho Vermelho”

Metodologia

Na aula do dia 20/04 nós introduziremos o conto “Chapeuzinho Vermelho”. Para isso, com a ajuda dos alunos, arrumaremos as cadeiras em forma de círculo deixando um espaço no meio da sala. Em seguida, iniciaremos uma conversa informal, a fim de que os alunos possam expor as versões que conhecem da narrativa em questão.

Terminado a conversa informal, iniciaremos a escolha dos alunos que farão a apresentação da história selecionada. Os alunos presenciarão a versão da narrativa em questão através de um miniteatro feito por eles mesmos.

Ajudarei no momento da escolha dos personagens tentando fazer com que tanto os alunos mais ativos quanto os mais inibidos sintam-se à vontade para participar.

Os alunos terão o restante da aula para ensaiarem para a apresentação que será feita na aula seguinte.

Na aula do dia 21/04 acontecerá a apresentação da história. Em seguida iniciaremos uma conversa informal a fim de discutir os temas pertinentes à narrativa. Para finalizar a aula instigarei os alunos a fazerem uma análise da narrativa e escolherem um elemento que chamou a atenção deles.

No dia 22/04 os alunos farão a ilustração do elemento presente no conto que eles escolheram.

Planejamento diário

20/04 (02 aulas)

- Arrumação das cadeiras em forma de círculo, com a ajuda dos alunos;
- Conversa informal para sondagem dos conhecimentos prévios;
- Escolha dos alunos que participarão dos mini teatro;
- Ensaio.

Obs.: Durante a escolha dos personagens, Bernardo se ofereceu para ser o lobo mau. Selecionamos os outros personagens e os alunos que não quiseram participar da encenação, ajudaram os colegas na organização. A Alice não quis participar do teatro, assim, ficou junto aos demais alunos responsáveis pela organização. Percebi que ela se sentiu a vontade.

Os alunos ficaram bastante eufóricos, dificultando o ensaio. A professora comentou que sentia dificuldades em trabalhar com eles em grupos, pois eles conversavam bastante.

21/04 (02 aulas)

- Apresentação do mini teatro “Chapeuzinho vermelho”;
- Discussão dos temas transversais;
- Solicitar aos alunos que, em casa, façam uma análise da história trabalhada para assim escolherem um dos elementos que mais chamou a atenção.

Obs.:Hoje, novamente Alice e Bernardo compareceram à aula. Os alunos passaram mais ou menos uns trinta minutos para poderem se organizar e montar o cenário. Ficaram tímidos no início da apresentação, mas depois se soltaram. Divertiram-se bastante durante a dramatização. Iniciamos uma conversa para discutirmos os temas transversais da narrativa. Os alunos ressaltaram na conversa temas como a maldade do lobo, a desobediência da Chapeuzinho, entre outros temas..

Para finalizar a aula, pedi a eles que, em casa, analisassem a história trabalhada e pensassem em um elemento que mais chamou a atenção deles.

22/04 (02 aula)

- Conversa informal retomando o conto trabalhado a fim de que eles possam expor o detalhe que mais chamou a atenção deles;
- Fazer ilustração.

Obs.: Na aula do dia 22/04, iniciei uma breve conversa com os alunos retomando a aula anterior onde havia pedido para eles pensarem em algo que prendeu a atenção deles com o intuito de que eles pudessem ilustrar em seguida.

Alguns desenharam a floresta com a Chapeuzinho, outros desenharam a vovó, mas a maioria desenhou o lobo mal inclusive Bernardo. Alice não compareceu à aula.

Data: 27 a 29/04

Duração: 06 aulas

História: “João e o pé de feijão”

Metodologia

Para as aulas dos dias 27 a 29/04, foi escolhida a narrativa “João e o pé de feijão”. Os alunos tomarão conhecimento da história por meio de uma leitura compartilhada. Para isso, faremos cópias da história e distribuiremos para a turma. Após a distribuição das cópias será definido em que sequência os alunos farão a leitura a fim de não atrapalhar o andamento da leitura.

Finalizado a leitura, iniciaremos uma conversa informal, para que sejam discutidos os assuntos referentes à narrativa.

Para a aula do 28/04, iniciaremos com uma conversa informal para que os alunos possam lembrar a narrativa trabalhada na aula anterior.

Em seguida, farão a ilustração do elemento da história que mais gostaram.

No dia 29/04, em grupos, terminado a ilustração os alunos, reunirão os desenhos, colando um no outro para que possa se formar uma “colcha de retalhos”. Dando continuidade, farão a apresentação para a turma.

Planejamento diário

27/04 (02 aulas)

- Leitura compartilhada do conto “João e o pé de feijão”;
- Conversa informal;

Obs.: Pra aula do dia 27/04, escolhemos a história “João e o pé de feijão”. A narrativa foi apresentada aos alunos através de uma leitura compartilhada. Os alunos pediram que eu pegasse os tapetes que a escola disponibilizava para que eles pudessem sentar no chão no momento da leitura da narrativa. Com a ajuda dos alunos, afastamos todas as cadeiras e espalhamos os tapetes na sala. Fiz várias cópias da história e distribuí para eles. Antes de iniciar a leitura, definimos uma sequência para que não houvesse bagunça, conseqüentemente, atrapalhando o desenvolvimento da leitura. Feito isso, iniciou-se a leitura. Todos os alunos ficaram bastante atentos, pois, segundo eles, por mais que a narrativa seja considerada um clássico, eles não conheciam na íntegra, desconhecendo alguns detalhes presentes na história.

Terminado a leitura, iniciamos uma conversa informal. O detalhe mais frisado pelos alunos foi o fato do João ter pegado toda a riqueza do gigante.

Tanto Alice quanto Bernardo estavam presentes na sala de aula. Quando finalizamos a aula o aluno Bernardo pediu para que o acompanhasse até a biblioteca. Chegando lá, ele passeou por várias prateleiras, folheando atentamente alguns livros que lhe chamaram atenção, principalmente os mais ilustrados. Entre os livros “explorados” estava “O patinho feio”. O aluno perguntou se eu conhecia essa narrativa e eu disse que sim. Passamos uns quinze minutos até ele chamar para sairmos do local. Perguntei se ele queria levar algum para ler em casa e ele respondeu que não, que queria ver somente na biblioteca.

28/04 (02 aulas)

- Conversa informal para que os alunos possam relembrar a narrativa trabalhada;
- Ilustração.

Obs.: Para iniciarmos a aula instiguei os alunos a recontarem a história que haviam ouvido na aula anterior com o intuito que eles relembassem detalhes da narrativa e em seguida fariam a ilustração da parte da história que mais tivessem gostado, aproveitando o fato de que eles gostavam muito de atividades de ilustração. No entanto, tinha uma proposta diferenciada das atividades de ilustração anteriores. Dessa vez propus a eles que fizéssemos uma “colcha de retalhos” com as ilustrações que fariam. Funcionou da seguinte maneira: os alunos construíram uma história ilustrada, levando em consideração os acontecimentos da narrativa contada de “João e o pé de feijão”. Em seguida, fixaram um desenho no outro, formando uma colcha de retalhos.

29/04 (02 aula)

- Finalizar atividade “Colcha de retalho”;
- Exposição para a turma.

Obs.:Na aula de hoje os alunos finalizaram a atividade “Colcha de retalho” e depois expuseram para a sala. Como a sala contém cerca de vinte alunos, conseguiram montar três histórias. Eles mesmos selecionaram os alunos que fariam a explanação das narrativas organizadas. Fizeram isso em duplas.

Data:05 e 06/05

Duração: 04 aulas

História:“O patinho feio”

Metodologia

Para as aulas dessa semana, utilizaremos o conto “O patinho feio”.

Os alunos conhecerão a narrativa por meio de um “varal de histórias” confeccionado por eles mesmos.

Terminado a confecção do varal de histórias, iniciaremos uma conversa informal com o intuito de sondarmos os conhecimentos prévios dos alunos para em seguida fazermos a leitura do conto.

Na aula seguinte, dia 05/05, solicitaremos aos alunos que façam a ilustração da história, abordando os elementos presentes no conto.

Planejamento diário

05/05 (02 aulas)

- Confecção do varal de histórias do conto “O patinho feio”;

- Leitura da história;
- Conversa informal.

Obs.: A apresentação da narrativa de hoje foi feita por meio de um varal de histórias confeccionado com a participação de todos. Para isso, imprimi as imagens e deixei a pintura por conta dos alunos. Em seguida, os auxiliei para que pudessem grampear as imagens em um barbante, finalizando o “varal de histórias”.

Por ser um clássico, durante a conversa informal, os alunos demonstraram que já conheciam o conto.

Solicitamos à Alice e Bernardo que nos ajudassem a segurar o varal enquanto líamos a história, no entanto, a aluna não concordou em participar, porém, Bernardo não hesitou. Assim, demos início à leitura da história. Os alunos ficaram bastante eufóricos durante a montagem do varal, porém, atentos durante a leitura da narrativa em questão.

06/05 (02 aulas)

- Ilustração da história “O patinho feio”.

Obs.: Hoje, Alice não compareceu à aula.

Como atividade propusemos a eles que fizessem a ilustração da história.

Essa história foi escolhida pelo Bernardo no dia em que me chamou para ir até a biblioteca. Segundo ele e os demais alunos, o desenrolar da história foi surpreendente, pois apesar de ser uma história muito conhecida a maioria das pessoas sabem somente que o personagem foi abandonado pela família por ser feio e que ao final da história ele se transforma em um lindo cisne.

07/05

Hora Pedagógica

Obs.: iniciou mais ou menos às 8:00 h com a coordenadora lendo um texto intitulado “A menina do vestido azul”. Em seguida, a mesma fez um comentário muito breve a respeito do texto lido, deixando em aberto para que alguém comentasse a respeito, porém ninguém se pronunciou. Desse modo, iniciou-se o encontro, que tinha como objetivos:

- Organizar o trabalho pedagógico por meio da elaboração da rotina/planejamento do 2º bimestre;
- Planejar as atividades para o dia da família na escola (Dia D);
- Definir as atividades e equipes para Gincana das Cores que será realizada em 05 de junho.

Assim, os conteúdos abordados foram:

- Gincana das cores (07/06)
- Dia “D” da família na escola (17/05)
- Planejamento bimestral.

O encontro foi organizado em 4 atividades:

1º atividade

- Acolhida;
- Leitura compartilhada: “A menina do vestido azul”
- Apresentação da pauta.

2º atividade

- Apresentação e discussão da proposta de regulamentos da Gincana das Cores;
- Definir os professores responsáveis pelas equipes (verde, amarelo, azul e branca).

3° atividade

- Realizar o planejamento das atividades para o dia “D” da Família na Escola e Dia das Mães;
- Reunir os professores por salas temáticas (beleza, saúde, valores humanos, direito da mulher, fotografia artesanato, culinária, serviço social).

4° atividade

- Elaboração do Planejamento/Rotina Bimestral.

Após a discussão de algumas das atividades anteriores, houve uma pausa com o intuito de que as equipes organizassem as atividades para o “Dia D e Dia das Mães”, que seriam no mesmo dia.

Retornando para a sala, foram passados alguns informes, de direcionados para os professores de 6° a 9° ano, sendo o **primeiro**, o prazo para a entrega das questões do 1° simulado, sendo que o mesmo substitui as provas do bimestre. Foi ressaltado que os professores precisariam elaborar questões contextualizadas. O **segundo** informe, falava da data da Olimpíada de matemática. O **terceiro**, a Olimpíada de Português. O **quarto**, o TCC do 9° Ano e o último, seria discutido se haveria desfile no dia 07 de setembro ou não, seria decidido de modo democrático.

Terminado os avisos, os professores de 1° a 5° ano foram para a biblioteca para que fosse feita algumas observações a respeito das turmas. Já os professores de 6° a 9° ano, ficaram na sala para darem continuidade nas atividades.

Na biblioteca, as professoras foram abordando a situação das turmas pela qual são responsáveis. Para isso, levaram umas fichas que deveriam ser preenchidas antes do encontro, onde elas abordavam o nome dos alunos faltosos, abordariam também os pontos positivos e negativos da turma, os alunos que sabem ler e os que não sabem, entre outros.

De acordo com o que a professora ia pontuando, a coordenadora fazia algumas observações e propostas pedagógicas, por exemplo, para as professoras que tinham dificuldades em fazer com que os alunos respondessem as atividades para

casa, ela propôs que fizessem uma tabela constando o nome de cada aluno, conforme eles fossem respondendo as atividades para casa, iam recebendo uma estrelinha. Isso, segundo a coordenadora, os motivaria.

As fichas preenchidas pela professora do 4º ano, não abrangiam nem o Bernardo, nem a Alice, os mesmos possuem um diagnóstico diferente do diagnóstico elaborado para o restante da turma.

Houve um momento em que a professora perguntou se o Bernardo seria descrito nas fichas junto aos demais alunos e a coordenadora disse que não.

O encerramento da reunião se deu após conversar com todas as professoras a respeito dos avanços e as dificuldades da turma, propondo possíveis soluções.

Data: 12 a 14/05

Duração: 06 aulas

Nas aulas do dia 12 a 14/05, nos horários do estágio, tiramos para ensaiar com o Bernardo para uma apresentação que aconteceria no dia 17/05 em comemoração ao dia das mães. A princípio, o aluno apresentaria sozinho, uma música referente ao tema, porém, ele ficou um pouco intimidado tendo em vista que muita gente iria presenciar, desse modo, sugerimos que um colega o acompanhasse.

17/05

Dia “D” da família na escola e comemoração ao dia das mães.

Antes de iniciar as apresentações, Bernardo estava nervosíssimo, com receio de que a mãe dele não fosse prestigiá-lo cantando. Chegou a pedir que ligássemos para confirmar se ela realmente viria. Quando ela chegou, ele ficou mais calmo.

Iniciaram as apresentações. Bernardo se emocionou bastante, emocionando também as pessoas que estavam presentes, principalmente a mãe do aluno. Terminado a apresentação, o aluno disse que gostou muito de ter participado e que da próxima vez apresentaria sozinho.

Data: 19 a 21/05/14.

Duração: 06 aulas

História: “O gato de botas”

Metodologia

“O gato de botas” foi a história selecionada pelos alunos para ser trabalhada nas aulas do dia 19 a 21/05.

No dia 19/05, a apresentação da história será feita na sala de vídeo.

Dando continuidade, iniciaremos uma conversa informal a fim de que os alunos exponham suas opiniões a respeito do conto.

Na aula seguinte (20/05), os alunos farão uma ilustração envolvendo a narrativa em questão.

Na aula do dia 21/05, solicitaremos aos alunos que façam, em duplas, a retextualização do conto.

Para finalizarmos o estágio, faremos uma roda de conversas, na qual os discentes e a professora titular poderão expor suas opiniões a respeito de todas as atividades desenvolvidas no período de estágio.

Planejamento diário

19/05 (02 aulas)

- História “o gato de botas” na sala de vídeo;
- Conversa informal.

Obs.: Para essa semana os alunos escolheram a história “O gato de botas”, para ser trabalhado com os alunos.

A apresentação da história foi feita na sala de vídeo por meio de animações envolvendo a história em questão.

Todos os alunos se envolveram com a narrativa. Durante a conversa informal, discutimos os temas transversais que envolvem a história como, por exemplo, o fato de que não podemos desprezar ninguém, porém, os alunos também pontuaram o fato de que o gato conseguiu fazer com que o seu dono se tornasse um rei bem sucedido por meio de mentiras. Bernardo relacionou o personagem da história com o personagem presente no filme “Sherek”. Alice assistiu ficou atenta durante a contação da história, porém não fez nenhum comentário.

20/05 (02 aulas)

- Atividade de ilustração.

Obs.: Para hoje, propomos como atividade uma ilustração da história.

Ao recolher as ilustrações, percebemos que a maioria havia desenhado o gato de botas como sendo o vilão, com uma cara de malvado. Até mesmo Bernardo, que na aula anterior havia feito referência ao personagem “bonitinho” do filme “Sherek”.

21/05 (02 aulas)

- Retextualização da história, em duplas.

Obs.: Para finalizarmos as atividades envolvendo a narrativa, propusemos aos alunos que fizessem, em duplas, a retextualização da história. E como já era de se esperar, a maioria modificou o meio que o gato arranhou para que o dono ficasse rico.

Para finalizarmos a aula e o estágio propusemos uma roda de conversas a fim de que os alunos expusessem suas opiniões a respeito do estágio.